



# A CASA DA BRUXA

Contos, minicontos,  
receitas, crônicas e  
poemas sobre o mundo  
mágico das bruxas

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-00-68392-9**

**2023**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- A BRUXA QUE HABITA EM MIM, POR ADRIANA RUIS, PÁG. 05  
A BRUXA E O ESPANTALHO, POR CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO, PÁG. 07  
O DILEMA DE MADUK, POR GILSON SALOMÃO PESSOA, PÁG. 12  
O FUNERAL DA CONDESSA, POR JL RICCHETTI, PÁG. 21  
O FANTASMA DA CIDADE, POR JL RICCHETTI, PÁG. 29  
A ESTÁTUA DE CÉRBERO, POR LEONIDAS SILVA GEORGOULA, PÁG. 33  
A PRIMA CATUXA, POR MALU SILVA, PÁG. 37  
A ABELHA-RAINHA, POR MÁRCIO ARAGÃO, PÁG. 42  
A BRUXA E O DEMÔNIO, POR MÁRCIO ARAGÃO, PÁG. 48  
PARA POÇÕES DE LEVITAÇÃO, POR MARIA ALICE HEBLING, PÁG. 53  
BRUXA, BRUXINHA!, POR MEIRE MARION, PÁG. 55  
QUATRO MOSCAS SOBRE O VELUDO CINZA, POR NEY ALENCAR, PÁG. 57  
O GÊNIO QUEBRADO, POR NEY ALENCAR, PÁG. 62  
A ESCADA DA BRUXA, POR NEY ALENCAR, PÁG. 67  
O GRANDE CÍRCULO, POR OLYMPUZ, PÁG. 73  
A BRUXA ESCONDIDA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 75  
SACI PERERÊ, POR SELMA LUANNY, PÁG. 78  
FANTASMAS E BRUXOS, POR SELMA LUANNY, PÁG. 80  
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 82

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
[WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
[WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
[WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)



# A CASA DA BRUXA





# APRESENTAMOS O POEMA A BRUXA QUE HABITA EM MIM

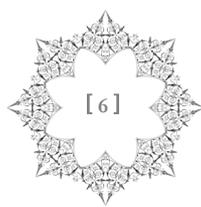
POR ADRIANA RUIS

Paulistana, residente em São Paulo – SP, funcionária pública municipal desde abril de 1994, bacharel em Ciências Contábeis, descobriu a paixão por escrever poesias em abril de 2020, sua primeira poesia foi inspirada pela obra “Soneto de Fidelidade” de Vinícius de Moraes, participou de mais de 20 antologias poéticas.

Gosto de astrologia e cristais  
Amo tarô, baralho cigano, runas  
Sou fanática por elementais  
Mas não tenho prática alguma

Não possuo total clarividência  
Meu terceiro olho não abri  
Devo ter mais paciência  
As experiências virão por aí

Um dos meus gatos é preto  
Compro sempre um amuleto  
Por dentro sou bruxa total  
Por fora sou apenas fractal





# APRESENTAMOS O CONTO A BRUXA E O ESPANTALHO

POR CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO

Possuo graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP.. Escrevo regularmente para o site [www.recantodasletras.com.br](http://www.recantodasletras.com.br) usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias.

▪Email: [claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br](mailto:claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br)

▪Instagram: Clayton.Zocarato

Facebook: <https://www.facebook.com/clayton.zocarato>

A floresta tinha sido fechada por uma grande florada de primavera, que a fez mais escura que o normal, com flores e arbustos com diferentes espécimes.

Os fantasmas que vagavam de forma alucinada, por uma escuridão intrépida, estavam monótonos de serem somente, classificados como alguns vagalumes gigantes, tendo as borboletas como suas companhias principais.

Às vezes algum pirilampo ou sapinho, dava o ar da graça.

Seus truques de medo, já não assustavam mais assim, e cultivavam sua nostalgia de sustos, contemplando a velha casa caindo aos poucos.

A Bruxa Cartuxa, na Idade Média tinha a ideia de vim a se tornar freira, mas seu envolvimento lascivo com um jovem noviço a fez, cair nas chamas sagradas da Inquisição, mas que antes do seu desfecho chamuscador, havia jurado ao seu confessor que abandonaria toda a sua consagração cristã, para assim servir ao mal, mesmo que para isso passasse por toda eternidade sem mais nenhuma companhia.

E assim foi feito, foi executada, mas sua alma passou a rondar os recantos e as brumas das florestas de Yorkshire.

Com o seu aprendizado de feitiçaria, sendo outorgado por outras meretrizes cristãs que tiveram seus mesmos desfechos iguais ao seu, por conta de seus pecados, jurou atormentar os vivos, através da companhia de criaturas, que não foram abençoadas completamente por Deus, e que também, demonstrariam toda a sua ferocidade para suas perfeições divinas, perante a disseminação de um medo sem limites.

Cartuxa fez sua promessa de maleficidade com maestria, atormentou e amedrontou tanto homens, mulheres, crianças, levando alguns a serem trancados em leprosários como insanos, vindo a sofrerem todo tipo de tortura, para que supostamente assim viessem a recuperar um pouco do **“seu juízo”**, diante a intransigência e fanatismo de monges e médicos, pouco ainda familiarizados com o **“racionalismo aristotélico, ou com a liberdade de compreensão da natureza outorgada pelas ideias confucionistas”**.

Mesmo sem poder tocar naquelas pessoas que sofreram perante as torturas dos inquisidores, continha um ar pavoroso de saber a boa sensação em ver todo suplício ser jogado para fora, por aqueles seres humanos, que não se importavam em cometerem todo tipo de barbaridade em nome de uma confissão, que era tirada das suas entranhas, sendo vitimadas pelos piores tipos de dores e tormentos, que algum mortal poderia suportar.

Seus feitiços ainda continham, um bom poder, mas ganharam a concorrência de medos mais lógicos e com um vitupério facial mais horroroso, como a companhia lobisomens e vampiros.

Por entre seu ostracismo se questionou.

— Esses **“peludos lobos — humanos, junto com mortos — vivos dentuços”**, estão ocupando meu lugar, dentre os pavores mais profundos, que possam, existirem dentro da mentalidade podre dessas criaturas. As bruxas estão ficando ultrapassadas, entre os inimigos do celestial, preciso pensar em algo, além desses espectros carnis inúteis, perdidos por entre essas matas, que possa assim tirar esses pagãos de araque, do seu conforto diante os mistérios do sobrenatural.

A bruxa se sentia muito sozinha.

Abandonada por um falso caminho de felicidade, que seus ares demoníacos não conseguiram assim consumirem por completo. Ainda, continha em sua mente, as lembranças de quando era uma freira. Pelo menos quando servia á Deus, sábia que mesmo dentro de polivalentes caminhos de hipocrisias, tinha uma forte alegria, em estar servindo, um pouco de sua felicidade macabra, para alguns poucos mortais, que vieram a se projetarem como laureados com uma graça divina, que assim fosse sublime para um caminhar libertário, que pudesse construir um amor, que não fosse exclusivamente sentenciado para um terreno a ser auferido por uma dor, que alcançasse as mais fortes emoções.

Cartuxa pegou sua vassoura, e saiu naquela noite pela surdina na busca de algum transeunte infeliz ao qual pudesse atormentar com seus poderes, que já estavam a consumindo por dentro.

Viu do alto um Espantalho, em que fixou sua atenção.

Mas aquele Espantalho não era como os outros. Tinha vestimentas peculiares, e estava rodeado de todos os espécimes de pássaros, e que assim o fazia ser cortejado incessantemente, e reluzia uma majestade silenciada pelo seu silêncio sepulcral.

Cartuxa em um rasante parou diante daquela imagem fantasmagórica.

Olhou aquele **“ser de palha”**, e lançou algumas ironias.

— Isso que não tem nenhuma tripa, ou fluido de vida, para fazer eu gastar minhas energias. Vejam só, para onde minha mágica ou feitiçaria foram parar. Antes a Anarquia reinava por aqui, agora nenhum tipo de alegria eu possuo, a não ser por esses seres de penugem gigantesca. **“Chega a ser Dantesco”!**

Mas ao mesmo instante em que proliferava a dizer, maledicências para o Espantalho, uma voz tenebrosa alcança seus tímpanos, repletos de sujeira, e tendo um fluido meloso escorrendo por entre suas orelhas, que causa um horror asco.

— Cartuxa! Sua filha da escuridão ingrata, por um acaso se esqueceu de mim?

A bruxa fita toda constrangida com, aquela situação, porém com muita excitação, tendo um toque de infidelidade, para outro filho da escuridão que estava diante de si.

— Um monte de feno que serve apenas por um sustentório, malfadado a assustar pássaros xeretas, querendo me desafiar? Olha para que ponto, chegamos?

O Homem de Feno respirando por entre seu peito cheio de vermes, e soltando m caldo ocre, como se todos os pecados do mundo estivessem, sendo replicados naqueles momentos repletos de sacrilégios.

— Não fui eu que me tornei assim. Creio que os seus feitiços e os lapsos de memória, são produtos de uma busca incessante sua, por poder, eu fui um cavaleiro cristão, que enfrentei suas artimanhas demoníacas, e como castigo, me transformou nesse monte de material inútil que sou, ficando dependurado aqui nesse campo onde nenhuma plantação, vai dar o ar de sua graça. Afinal de contas, se lembra de mim Cartuxa?

A criatura olha com desdém e solta um grunhido sepulcral, cheio de consternação, e tenta de todas as formas, através de suas lembranças tortuosas, algum tipo de explicação para o que estava presenciando.

Encara O Espantalho profundamente

Fica andando em círculos com sorriso cheio de injúrias celestiais, tentando saber a identidade de mais uma de suas vítimas.

Pensa por um momento.

— Mais algum Cruzado que morreu em sua fé, e agora quer colcoar a culpa de seu destino mórbido, em minha mágica.

Nota em seu pescoço uma Cruz da Ordem Bizantina.

Não restavam mais dúvidas.

— Aurelius, é você!

— Sim sou eu! Até que enfim se recordou da barbaridade que tinha feito comigo, durante o período em que o Império estava por essas terras!

— Por qual motivo há me invocado? Sabes bem que essa sua condição degradante, jamais será revertida.

— Assim como sua solidão, e seu esquecimento minha cara feiticeira. Sei bem, que uma das situações que mais assusta toda e qualquer criatura, sendo de inspiração divina, é o medo do esquecimento, e sinto que está abandonada assim como eu, ao seu próprio reles, seu destino não está sendo muito diferente do meu.

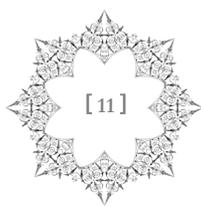
Cartuxa fica com frenesi entre a frieza e a loucura.

— És tão pecador, como eu Aurelius. Quando sua espada era retirada da sua bainha, muito sangue inocente foi lambuzado por sua lamina. Sabes que se eu não o punisse, pela sua ousadia em tentar me destruir, através de sua fé malévola, quando chegasse a hora derradeira de sua partida desse mundo, **“o todo – poderoso”** dificilmente o perdoaria. **“Em Verdade, Em Verdade eu vos digo”**, eu salvei você das chamas eternas, e dei essa lavoura cheia de pragas para você contemplar, por toda a sua eternidade malfadada.

— Não adianta querer chamar sua atenção, e implorar por clemência, já que dentro de uma ânsia de medo de arrependimento, você Cartuxa prolifera os mais variados tipos de pecados, contra nós, que buscamos perdão, enquanto você, criatura vil, pensa em estar fazendo algum tipo de eloquência criadora, defronte a construir caminhos de misericórdia entre os infelizes que cruzam o caminho de sua vassoura.

— Não! Mas não mesmo Aurelius! Eu apenas sou mais uma peça nesse imenso quebra-cabeça, que seu Deus criou, para que por meio de todas as criaturas visíveis e invisíveis, possamos buscar alguma possibilidade, de que diante, a sua luz celeste, possa angariar um perdão para todos nós pecadores. Sobrando as migalhas de um amor que somente existe para aqueles que se submetem a todas suas vontades, sem nenhum tipo questionamento ou arrependimento.

Aurelius suspira, sabe que sua missão mais uma vez falhou, vai continuar um Espantalho sendo exposto, durante as quatro estações do ano, enquanto Cartuxa desaparece por entre nuvens negras, almejando não deixar seu caldeirão esfriar. Afinal Espantalhos, é só mais um produto, de suas receitas amaldiçoadoras.





# APRESENTAMOS O CONTO O DILEMA DE MADUK

POR GILSON SALOMÃO PESSOA

Gilson Salomão Pessoa é formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Colunista na área de Cultura Pop em sites como o site da Editora Panóplia (<https://www.editorapanoplia.com.br>) e Revista K7 ([www.revistak7.com.br](http://www.revistak7.com.br)), já publicou dois livros, um de prosa e um de poesia. Atualmente trabalha como funcionário público na Secretaria de Cultura de Matias Barbosa, Minas Gerais.

Wilto e Maduk eram amigos desde a infância no vilarejo de Djauru, que ficava à oeste da Floresta dos Sussurros. Gostavam de ouvir as lendas populares sobre assombrações, criaturas míticas e monstros que eram vistos além dos limites das redondezas. Ouviam especialmente histórias assustadoras envolvendo a bruxa Meghadra, com seus olhos negros e dentes afiados como agulhas. Passaram boa parte de sua infância e adolescência cultivando um misto de medo e admiração por ela.

Na adolescência combinaram de visitar a cripta da mesma, localizada a sudoeste da cidade e rodeada por uma gigantesca plantação de milho, plantado estrategicamente para não atrair olhares curiosos. Na verdade, eles nem sabiam se estava realmente lá; planejavam, mas sempre acabavam adiando. Dos dois, Wilto era o mais interessado. Maduk preferia estudar mapas e ouvir relatos de aventuras distantes.

Muito tempo se passou e eles chegaram ao início da vida adulta, mas a determinação ainda não havia abandonado um deles. Numa noite de lua cheia, que brilhava tão intensamente a ponto de dispensar o uso de tochas, ele se cansou de esperar e partiu, não sem antes chamar aquele que considerava como um irmão. Maduk, muito a contragosto foi acompanhá-lo.

Caminharam por entre pés de milho que pareciam nunca terminar. Por fim chegaram em um jardim repleto de lápides e estátuas.

— Acho que no final das contas era tudo história. Vamos voltar e tomar um vinho para celebrar o fim dessa história.

— Peraí, cara, deixa eu dar só mais uma olhada ali nos fundos, só para desincargo de consciência.

— Está tarde, esse lugar é muito sinistro e eu estou cansado. Você sabe que eu só vim para te fazer companhia.

— No fundo você sabe que quer chegar ao fim desse mistério. Qualé! A gente conversou sobre isso a vida inteira e agora que a gente chegou aqui você quer ir embora? Espera só mais um pouco, o que vai te custar?

Mais uma vez ele seguiu o amigo, mesmo sabendo que aquilo era uma péssima ideia. Por fim avistaram uma pequena cerca de pedras que cercava o que parecia ser um pequeno alojamento subterrâneo, com uma escadaria que se perdia na escuridão. Enquanto um deles obviamente celebrava, o outro ponderava:

- Pois é, pena que não temos tochas para descer...
- Não é problema, a gente improvisa.
- Cara, que vontade é essa que você tem de fazer merda?
- Como assim?
- A gente já chegou, confirmou, agora vamos embora, por favor!
- Pode ir, eu vou descer.

Maduk nem estava mais com medo. Estava com raiva da teimosia do seu amigo. Wilto criou uma tocha usando a própria camisa e acendeu numa vela solitária que estava ao pé de uma estátua. Ouviram um guincho assustador assim que desceram os degraus. O local era mais vasto do que parecia e um deles parecia estranhamente hipnotizado por tudo aquilo, enquanto o outro só queria ir embora. Um corredor enorme com várias portas se apresentava diante dos dois.

- Tanto a descobrir.
- Tantos motivos para ir embora.

Abriram a primeira porta à direita. Era uma espécie de Biblioteca, com duas estantes repletas de livros e jarros cheios de líquidos de cores diversas. Também havia uma mesa de madeira com algumas cadeiras e um livro aberto. Foi então que Maduk olhou para a porta e avistou o que parecia ser um vulto preto caminhando no corredor.

Assustado, deu alguns passos para trás. Acabou esbarrando na estante e derrubando alguns jarros em sua cabeça, formando uma espécie de argamassa grudenta que se misturou com o sangue dos cortes e foi escorrendo pela sua cabeça até preenchê-la por inteiro. O jovem assustado fazia força para se desvencilhar, mas não conseguia. A gosma fechou a sua boca e ele não conseguia nem gritar. Correu desesperado pelo corredor, mas estava tão desnordeado que em certo momento acabou abrindo uma porta e

caiu num poço bastante profundo. Sentiu descargas elétricas percorrendo todo o seu corpo e tudo o que desejou naquele momento foi que aquele pesadelo terminasse. Foi o seu último pensamento antes de ficar inconsciente.

Acordou deitado na manhã seguinte, no alto de uma montanha, sem entender como tinha parado ali, com uma forte dor de cabeça e sentindo todo o seu corpo latejar. A pasta tinha misteriosamente saído de seu rosto, será que entrou pelos poros? Sentia muita sede. Correu em direção a um riacho que avistou perto de onde estava e enfiou a cara dentro, bebendo a água com o desespero de alguém que acabou de sair de um deserto. Era a ressaca mais estranha que ele já tivera, sem sombra de dúvidas. Depois percebeu que estava descalço, talvez tivesse perdido suas botas naquele poço imundo, do qual ele nem sabia como saiu. Será que tinha sonhado tudo aquilo? Não, tinha sido real até demais. De repente começou a ouvir uma estranha voz em sua cabeça:

— Procure o Mestre Degarth. Ele vai te dar as respostas que você precisa.

—Mas quem é você? Não posso obedecer a alguém que nem conheço.

— Confie em Degarth.

— Mas eu nem sei onde estou.

— Você está no topo do Monte Nieval. Siga a leste do riacho. Procure pela vila Fayki. Lá te darão informações sobre Degarth.

— Não é mais fácil você me dizer onde ele está e eu ir atrás dele?

— Como farei isso se você não sabe onde está?

— Mas você sabe onde eu estou. Acabou de me falar.

— Não me contradiga, apenas obedeça!

A dor de cabeça ficou mais forte, a ponto de Maduk nem conseguir raciocinar. Como estava sem muitas opções, resolveu seguir as instruções da voz estranha. Levou a manhã inteira para descer a montanha e por fim avistou o vilarejo. Estava exausto, com fome e sede, além dos pés machucados de tanto andar. Foi acolhido pela elfa Cerien, que o avistou de longe e teve compaixão. Lhe deu comida e água, mas não tinha calçados do

seu tamanho. Perguntou pelo Mestre Degarth e ela disse que ninguém sabia dele há muito tempo, pois ele vivia isolado dentro da floresta Delzai, ao norte de Fayki.

Ele agradeceu e seguiu seu caminho, confuso com aquela quantidade de nomes que teve que aprender em tão pouco espaço de tempo. Sua vida era tão simples até ontem, quando ela tinha se tornado tão confusa? Tudo por causa de Wilto e suas obsessões idiotas. O pior é que ele nem sabia onde o seu amigo estava para poder xingá-lo.

Andou por uma trilha dentro da floresta até avistar um pequeno chalé ao lado de uma lagoa. Estava cansado e com os pés todos esfolados quando se apoiou numa árvore e ouviu:

— Se tivesse demorado mais um minuto eu tinha desistido de você!

Maduk se preparou para xingar o velho, mas este o adiantou:

— Mas não precisa se desculpar. Eu entendo e te perdoo. Só deixe de preguiça, tá bom?

Sem forças para retrucar, ele caiu ajoelhado no chão de barro.

— Já disse que não precisa implorar, rapaz! Eu vou te ensinar tudo o que eu sei! Antes eu gostaria de te perguntar uma coisa: porque você entrou no poço de Byesi?

— Eu não entrei em poço nenhum, eu caí. E como você sabe disso?

Eu tenho um cristal que fica imerso numa poção que eu criei especialmente para me avisar quando isso acontecesse e a natureza do espírito. Ontem ele brilhou duas vezes: uma luz clara e outra escura, ou seja, duas pessoas entraram nesse poço ontem. Eu tive fácil acesso à sua mente, o que significa que você foi a luz clara. Eu preciso te treinar para você me ajudar a combater o que quer que tenha entrado naquele poço ontem. Eu estou bem velho, não dou mais conta sozinho.

— Como assim? Você não está dizendo coisa com coisa...

— Você entrou no poço de Byesi durante a Lua Cheia. Querendo ou não você tem poderes agora.

— Como assim poderes? Tipo poderes mágicos?

— De certa forma sim. Você está sentindo seu corpo pulsando, não é?

— Exato. Queimando por dentro, para ser mais exato. E uma forte dor de cabeça.

— Vai demorar um pouco, mas vai passar. Sua vida anterior acabou. Agora você é uma outra pessoa. Precisa ter consciência do que irá se tornar para proteger aqueles que não são como nós. Amanhã treinamos. Agora deite que sua metamorfose leva tempo.

Deitou-se numa cama improvisada por Degarth e dormiu até o dia seguinte. Levantou se sentindo estranho e com muita fome. O mestre mago lhe saudou com um bom dia e disse que uma de suas habilidades adquiridas foi o teletransporte. Foi assim que ele caiu no poço e foi parar na montanha.

— Seu inconsciente te salvou e me avisou ao mesmo tempo. — completou ele. — Sou telepata, então consegui me comunicar com você.

— Eu posso fazer isso também?

— Não, isso leva anos de prática e meditação. Talvez num futuro bem distante.

— Se eu posso fazer teletransporte, porque não vim direto da montanha para cá?

— Você precisa treinar bastante até poder fazer isso. E tem que visualizar o lugar para onde quer ir.

— O que mais eu posso fazer?

— Esse é um processo de tentativa e erro. Não tem manual. Acontece diferente para cada um. Eu só consigo sentir a natureza do espírito e o seu é nobre.

A partir daquele momento os dois se tornaram grandes amigos. Maduk leu toda a biblioteca de seu mestre e testou o que podia fazer. Conseguiu melhorar seu teletransporte e alguma telecinese, mas nada muito avançado. Degarth também lhe ensinou que um ritual de passagem seria ele construir o seu próprio cajado, com um cristal na ponta onde ele concentraria grande parte da sua energia. Para isso ele teria que meditar por uma noite inteira na floresta até encontrar a madeira ideal para criá-lo. Assim ele procedeu e nas primeiras horas da manhã ele se sentiu guiado para uma determinada árvore, cortou e esculpiu com facilidade, pois era filho de marceneiro. O cristal ganhou de presente de seu mestre. Transferindo energia ele aprendeu a criar um campo de força ao seu redor, o que

era bem bacana. Com essa energia concentrada ele também aprendeu a disparar rajadas de luz usando o seu cajado. O cristal também mudava de cor caso alguém ou algo perigoso se aproximasse dele. Através dos livros de seu mestre Maduk aprendeu sobre poções e feitiços, mas não memorizou nenhum, por isso teve que anotar alguns mais importantes em diversos pergaminhos e os guardou numa bolsa tiracolo de couro, que comprou na cidade com algumas moedas emprestadas por Degarth.

As constantes viagens a vila Fayki permitiram que ele ficasse cada vez mais íntimo de Cerien, chegando a ter um relacionamento amoroso com ela apesar dos avisos de seu mestre que esse envolvimento poderia colocar pessoas inocentes em risco. Maduk nunca parou de estudar e treinar, sempre apurando suas habilidades, apesar de nada extraordinário acontecer ao seu redor. O clima começou a ficar tão pacato que ele finalmente relaxou. E obviamente foi nesse momento que o problema surgiu. Um homem surgiu correndo assustado, oriundo da cidade vizinha de Pangoth. Disse que pessoas e animais estavam sendo atacados e devorados por um lobisomem.

O aprendiz de feiticeiro nem sabia que tal criatura realmente existia. Tinha lido a respeito delas na biblioteca do seu mestre, mas nunca pensou que encontraria uma de perto. Seguiu viagem a pé e levou cerca de meio dia para chegar ao local. As cercas estavam derrubadas e havia sangue espalhado pelas paredes nas casas da periferia, além de entranhas espalhadas pela rua que exalavam um fedor inacreditável. Maduk sentiu fortes náuseas e por pouco não vomitou ali mesmo. Inalou uma essência de eucalipto que tinha em sua bolsa, sentou-se numa pedra e esperou anoitecer. Tinha apenas uma lâmina de prata, mas acreditava que pelo menos conseguiria assustar a criatura o suficiente para ela não retornar.

Já estava bem escuro quando ela chegou. O feiticeiro pensou que ouviria uivos ou rugidos anunciando sua chegada, mas ela veio silenciosa. A única coisa que ele percebeu foram seus dois olhos vermelhos enormes se aproximando cada vez mais. Mais inesperado foi quando ele ouviu uma voz gutural no meio daquele breu:

— Eu esperei muito tempo para te reencontrar! Agora você vai pagar por sua covardia!

A criatura saltou sobre ele, maior do que ele tinha imaginado. Maduk foi surpreendido por aquela voz e a princípio ficou sem reação.

— Você obviamente está me confundindo, porque eu nunca abandonei ninguém. Disse ele enquanto segurava o pescoço do lobisomem com as duas mãos.

— Você me largou naquela cripta para morrer! Ela estava certa a seu respeito! Você é fraco e medroso! Seres inferiores como você não merecem respirar o mesmo ar que eu!  
— Dizendo isso pegou ele pelo colarinho e o atirou em direção à uma parede ali perto.

Maduk sentiu uma forte pancada nas costas e caiu sentado, mas não desmaiou. Só então percebeu que seu amigo havia se transformado naquele ser grotesco que tinha quase três metros de altura e falava babando sangue. Seu único impulso no momento foi chamar o seu cajado com a telecinese e criar um escudo de proteção. Afinal de contas, apesar de tudo seu amigo de certa forma ainda estava dentro daquela criatura. Ele tinha que pelo menos tentar...

— Escudo de força? Onde você aprendeu isso? Não importa. Hoje é a sua última noite. Você não vai segurar isso por muito tempo...

— Wilto, por favor me escute. Somos amigos de infância. Você me conhece. Sabe que eu nunca faria isso com você...

— Sabia que ela sempre esteve nos observando o tempo todo? Ela te conhece melhor do que eu. Conhece todas as suas mentiras e covardias...Ela viu tudo em seu cristal...

— De quem você está falando?

— Você sabe exatamente de quem estou falando? Estou falando da...

Não terminou a frase porque um dos moradores da cidade se aproveitou que ele estava distraído para atirar a lâmina de prata no seu olho, provavelmente um dos fazendeiros que tinha perdido muitos animais e fazia questão de assistir ele morrer. Deu um urro de dor, arrancou a lâmina do olho e disse para Maduk:

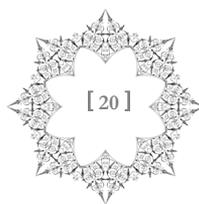
— Está vendo? Até esse verme tem mais coragem que você! — E dizendo isso saltou em direção ao morador.

O aprendiz de feiticeiro lançou uma rajada de luz no peito da criatura antes que ela chegasse ao chão. Aproximou-se do corpo inconsciente do lobisomem e derramou uma

forte dose de sedativo em sua boca. Depois disso o arrastou para Fayki, onde Degarth o despachou para um ponto isolado no mapa.

— Me ensina a fazer isso! — Disse Maduk impressionado.

— Você ainda tem muito mais coisas a aprender antes disso. Agora vamos tomar um chá. Você precisa retomar suas forças, porque pelo que você me contou, seus problemas estão apenas começando...





# APRESENTAMOS O CONTO O FUNERAL DA CONDESSA

POR JL RICCHETTI

Nascido em São Manuel – SP, Engenheiro. Atuou por mais de 40 anos, como executivo de grandes empresas no Brasil e no exterior. Viajou o mundo, onde esteve em contato com várias culturas, até retornar ao Brasil e em 2018 para abraçar a carreira de escritor. Escreve crônicas, contos e livros. Tem três livros já publicados: ‘Paço a Passo – uma viagem no tempo’; ‘Encontros e Desencontros’ e ‘Em busca da Espiritualidade’; e o quarto livro em edição: ‘Minhas 200 Melhores Crônicas’.

Ele tinha assumido o compromisso de providenciar o funeral da prima, descendente em quarta geração do tataravô, que tinha sido Conde e que tinha vindo ao Brasil junto com a família Imperial no início de 1808. Portanto a prima era uma Condessa de quarta geração!

Estar ali para atestar a morte, reconhecer o cadáver no hospital e depois começar a providenciar e organizar todo o resto dos preparativos para o sepultamento não era uma coisa que gostasse de fazer, mas como havia lhe dito uma amiga, alguém tinha que fazer...

Não era a primeira vez que fazia isso. Por várias outras ocasiões, ele já tinha desempenhado esse papel de encaminhar um ente querido para a última morada. Primeiro, havia sido o tio avô, depois, quase em seguida duas outras tias diretas, aí veio a própria mãe e a avó e logo depois o pai, mas era a primeira vez que faria isso para um parente que tinha laços com a família real portuguesa.

Desta vez ele se sentia até um pouco acanhado por se tornar, sem querer, um coadjuvante da própria história do Brasil, ainda mais que a Condessa era a última representante daquela família de nobres. A história da família que veio com D. Pedro se encerraria ali com o enterro da prima, a última descendente, pois era solteira e não tinha filhos...

Mas ele tinha assumido aquele compromisso consigo mesmo e, portanto, estava ali para desempenhar o seu papel. Assim andar, bem cedo, por aquelas alamedas desertas do cemitério onde a família da Condessa tinha um jazigo perpétuo, além da obrigação assumida já lhe era também familiar, até porque o túmulo dos seus pais era no mesmo cemitério.

Naquela manhã bem fria, temperatura estranha para um mês de janeiro, não era diferente das outras vezes em que tinha desempenhado esse papel. Chegou cedo ao cemitério e estacionou o carro na rua, a uns duzentos metros da entrada, ao lado das várias bancas de flores e caminhou, primeiro pela longa calçada beirando o muro do cemitério, até entrar pelo enorme e centenário portão de ferro da entrada principal.

Logo ao entrar deu de cara com os antigos mausoléus de famílias tradicionais de São Paulo, que era bem peculiar naquele cemitério e que já conhecia bem, para então virar à direita e pegar a primeira alameda perpendicular a rua principal que ele lembrava ser o caminho que levava ao túmulo da família da Condessa.

Ele queria ver se reconhecia o túmulo primeiro, ver o estado geral dele, antes de ir até ao escritório da Administração para realizar os procedimentos do sepultamento.

Levantou a gola do paletó, que costumava usar nessas ocasiões, para se proteger do vento frio e começou a sua caminhada pela rua deserta do cemitério, enfrentando a garoa que começava a cair.

Andar por aquelas ruas desertas não era um passeio agradável, ainda mais naquela condição de preparar um enterro de um parente próximo, ainda mais sendo ela uma Condessa.

Mesmo assim, à medida que caminhava e avançava solitário pela longa alameda, podia ouvir o eco dos seus próprios passos, entre os vários túmulos. Aquela cena, digna de um filme de Hitchcock seria amedrontadora para qualquer pessoa, mas ele já estava acostumado com tudo aquilo...

Ao longo do caminho, quando já estava mais ou menos no meio da alameda, ouviu um barulho estridente, como um ranger de ferro, parecendo uma dobradiça de porta se abrindo e um calafrio lhe percorreu a espinha, da cabeça aos pés. Ao parar e começar a olhar no entorno, tentando identificar o barulho, sentiu como se alguém se aproximasse de suas costas... Olhou rapidamente para trás e não viu ninguém...

Decidiu continuar o seu caminho e sentiu um alívio ao perceber que o barulho estava vindo da porta de um dos jazigos, tipo mausoléu, bem a sua frente, que tinha sido aberto provavelmente pelo vento e que continuava batendo, abrindo e fechando. Seria algum espírito querendo se comunicar? Talvez.... aquela sensação como se alguém estivesse bem atrás das suas costas direcionava os seus pensamentos e era inevitável que pensasse em tudo isso naquele momento...

Passado o susto, continuou a sua caminhada, talvez, tendo por companhia, quem sabe, uma daquelas almas penadas que sempre habitam os cemitérios e querem conversar...

O vento frio e a garoa continuavam lhe castigando e a única coisa que lhe passava pela mente, naquele momento, era o questionamento que fazia a si mesmo do porquê aquelas coisas sempre aconteciam com ele. Seria a sua mediunidade?

A procura do túmulo fez com que rapidamente esquecesse daquelas ideias fantasmagóricas. Depois de andar por várias daquelas ruelas e alamedas, entrar por vielas, girando em círculos por vários túmulos, ele percebeu que tinha se perdido e que não iria conseguir encontrar o túmulo da Condessa, embora tivesse observado alguns dos túmulos que sempre tomava como referências.

O fato era que ele já estava cansado e estressado demais e não conseguia se lembrar do lugar exato do mausoléu. Então deu meia volta e se dirigiu rapidamente até o escritório da Administração.

O escritório da Administração ficava atrás da antiga capela e era, como quase todos os demais cemitérios da cidade, um lugar lúgubre, mal-ajambrado e escuro. Os seus móveis velhos e sujos pareciam que queriam combinar com o ambiente do cemitério que abrigava no seu interior aqueles antigos túmulos da velha São Paulo onde muitos hóspedes do outro lado da vida residiam há séculos.

Atrás de uma mesa, dessas bem antigas, ele viu um senhor, que devia ser parente do mordomo daquela série da TV, ‘A Família Adams’, com seu cabelo grisalho engomado e penteado com uma divisão bem ao meio, cheio de brilhantina, um terno preto surrado e uma gravata também preta toda suja e com o seu nó quase desfeito e bem folgado no pescoço. Em cima da mesa uma foto de determinada entrada de algum outro cemitério onde uma placa em arco estampava uma frase de mau gosto que parecia estar ali só para intimidar os visitantes: “Nós que aqui estamos, por vós esperamos”. No fundo, atrás da mesa vários castiçais desses que se colocam ao lado do caixão, completavam a cena lúgubre e tenebrosa do local.

Ávido por resolver logo os trâmites e sair daquele lugar ele se sentou na frente do velho administrador e tirando uns papéis velhos de uma pasta surrada que carregava embaixo do braço, foi logo dizendo:

— A minha prima era Condessa, a família dela tem um túmulo perpétuo neste cemitério, e preciso enterrá-la. Veja aqui os papéis.

O velho, sem se importar muito com toda aquela sua pressa, pegou vagarosamente os papéis amarelados, os colocou sobre a mesa e com suas mãos trêmulas, começou a olhar cada um deles, até que se levantou em câmara lenta, e sem dizer nada, caminhou até uma velha estante de onde tirou um enorme livro, sujo e empoeirado. Abriu o livro e começou a folheá-lo página por página, até parar numa determinada página de número 66.

Então olhou por debaixo dos seus sujos óculos de leitura e apontando com o dedo para um nome escrito no livro, perguntou a ele:

— O que você é deste fulano?

Ele, sem pestanejar, rapidamente respondeu:

— Meu primo! A falecida é minha prima, portanto somos todos primos!

— Ah meu rapaz! Acho bem difícil ele ser seu primo porque este senhor que você diz nasceu em 1850!

Ele, então meio nervoso, mas sem perder a classe, respondeu ao administrador, sem pestanejar:

— Ah sim é o nosso primo tataravô!

— Meu rapaz, disse o administrador, acho melhor começarmos de novo....

— Meu apelido é Popó e eu como bom flamenguista estou achando você parecido com o jogador Zico, então vou chamá-lo de Zico. Vamos começar tudo do começo.

— Se levante, entre por aquela porta e se apresente novamente.

Ele, querendo resolver logo a questão e não criar caso, como se fosse um ator, encenando uma peça de teatro e obedecendo o diretor se levantou, saiu da sala e entrou novamente, não só pela porta, mas também para dentro daquele clima criado pelo engraçado administrador...

— Bom dia Seu Popó, como vai? Meu nome é Zico!

Ah agora sim, respondeu de pronto, sorrindo, o hilário funcionário.

— Muito prazer Sr. Zico, sente-se por favor.

— Vamos fazer assim Sr. Zico, o Sr. me dá um nome de um falecido da família já enterrado que eu encontro o túmulo.

Ele então, nominou o nome do pai da Condessa, que já havia passado para a outra dimensão.

O velho Popó começou a vasculhar outros livros antigos e depois de uns quinze minutos voltou e exclamou:

— Ah não disse Seu Zico! Bingo! Achei!

— E como lhe disse não podia ser aquele túmulo do seu tal primo tataravô!

— É outro!

Em seguida chamou um dos coveiros de plantão e ordenou que o acompanhasse para visitar os dois túmulos.

— Primeiro você o leva o Sr. Zico ao túmulo do tal primo tataravô e depois ao outro onde o pai da Condessa está enterrado. Aqui estão os endereços das campas. Comentou o velho com o coveiro...

— Vá lá Sr. Zico a ver os dois túmulos e veja se consegue reconhecê-los. Acho que estou certo de que o correto é o segundo, mas vamos tirar a prova. Disse sorrindo o velho gerente do cemitério, mostrando aqueles seus dentes amarelados pela nicotina.

Tendo o coveiro como guia, lá foi ele novamente a caminhar por aquelas alamedas, embaixo do mesmo vento e da mesma garoa, que teimava em continuar caindo, a procura dos dois mausoléus.

O primeiro túmulo, o do tataravô, era realmente quase que um monumento, com um grande obelisco ao centro, tendo no seu alto um enorme anjo esculpido em mármore branco. Nas suas lápides se podia ver toda a linhagem da família, esculpida no mármore, desde o casal precursor, o Conde e Condessa que tinham vindo com D. Pedro, até chegar aos mais recentes, que haviam sido enterrados em torno dos anos 50. O túmulo era extenso e envolvia três terrenos perpétuos e um gramado que o circundava por completo. Tirando o lado sombrio era uma obra de arte...

Quando ele viu aquilo tudo e as datas de todos os que estavam ali enterrados, é que se deu conta da gafe que tinha cometido quando tentou convencer o administrador que o Conde tataravô era seu primo....

Respeitosamente, ele fez o nome do pai em frente ao túmulo, logo imitado pelo coveiro, rezou uma Ave Maria e partiu em busca do segundo túmulo.

O segundo túmulo ficava do outro lado do cemitério o que exigiu mais uma vez uma longa caminhada pelas alamedas frias e desertas. Era um túmulo mais simples que o primeiro, mas não deixava de ser um mausoléu cheio de adornos, estátuas e com aquela mesma ostentação mórbida.

Enquanto caminhavam até a segunda campa ele foi obrigado a ouvir, mesmo sem ter interesse, o coveiro ir falando e indicando, como um guia turístico, os túmulos de gente famosa. Num deles o coveiro se empolgou e até parou para orgulhosamente narrar a história do costureiro celebridade que havia sido preso ao tentar roubar dois vasos de um jazigo. O coveiro entusiasmado ainda fez questão de apontar para o túmulo e dizer:

— Veja senhor, são estes aqui, está vendo estes dois vasos que agora estão chumbados no túmulo, pois é, foram eles que o costureiro tentou roubar!

Depois de atualizado involuntariamente sobre toda a história do cemitério e seus habitantes ilustres além do caso do célebre costureiro ladrão de vasos, ele finalmente chegou ao segundo túmulo, que logo reconheceu como sendo o da família direta da Condessa, onde o pai dela estava sepultado.

Feito a identificação e a verificação de que havia lugar vago no jazigo e ajustado o preço da gorjeta obrigatória do coveiro, ele voltou ao escritório, para assinar os papéis, se despedir do simpático Popó e agradecer a ajuda.

— Ciao Popó!

— Ciao Zico, vá com Deus, você vai precisar!

Naquele momento ele não entendeu muito bem a última frase do Popó, mas dias depois começou a perceber como tinha sentido. O Popó provavelmente era um místico e sabia ver o futuro...

Saindo do cemitério, partiu rapidamente para organizar o velório. Esperava encerrar logo tudo aquilo assim que o caixão descesse para dentro da campa e a porta se fechasse. Já estava cansado de ser sempre ele a cuidar daquelas coisas.

Horas depois, terminado a cerimônia e ver o jazigo finalmente ser fechado, a sensação de alívio foi logo substituída pela lembrança de que ainda tinha que passar na casa da Condessa para deixar todos os documentos, pois iria precisar deles para fazer o inventário.

No caminho foi pensando, com seus botões:

— O que tinha e podia ser feito eu fiz. Terminei minha missão com minha prima e a família.

Ledo engano....

Assim que entrou na casa da Condessa, a primeira coisa que fez foi se dirigir ao escritório e abrir o armário, em frente a escrivaninha, para depositar a pasta com os documentos e dar um fim naquilo tudo.

Foi então que notou, no interior da estante, apoiado sobre um livro antigo, na primeira prateleira um pequeno envelope branco fechado, com um lacre vermelho.

No lacre se podia ver claramente, estampado, o brasão da Condessa.

— Como não vi isso antes? Pensou...

Pegou logo o envelope nas mãos e viu escrito:

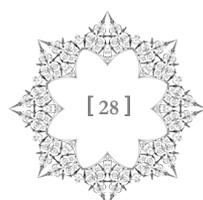
“Só abrir depois que eu morrer....”

Surpreso, não teve dúvidas, rompeu rapidamente o lacre, abriu o envelope e dentro encontrou apenas uma pequena chave, dessas de cofre, com uma etiqueta pendurada por uma fina fita vermelha, com alguns números escritos a mão e uma sequência de interjeições de gargalhadas:

13-21-34-55 KKKKKKKK!!!!

Como engenheiro que era e acostumado com números, logo percebeu que a sequência de seis números se tratava da famosa série de Fibonacci, gênio matemático que havia descoberto a proporção áurea, o número de Deus.

Ao contrário do tinha pensado, o enterro da Condessa não tinha terminado com o fechar da sua campa. Os mistérios e surpresas, pelo jeito, só estavam começando....





# APRESENTAMOS O CONTO O FANTASMA DA CIDADE

POR JL RICCHETTI

Nascido em São Manuel – SP, Engenheiro. Atuou por mais de 40 anos, como executivo de grandes empresas no Brasil e no exterior. Viajou o mundo, onde esteve em contato com várias culturas, até retornar ao Brasil e em 2018 para abraçar a carreira de escritor. Escreve crônicas, contos e livros. Tem três livros já publicados: 'Paço a Passo – uma viagem no tempo'; 'Encontros e Desencontros' e 'Em busca da Espiritualidade'; e o quarto livro em edição: 'Minhas 200 Melhores Crônicas'.

Dizem que um dia lançaram uma praga sobre a cidade para que ela não se desenvolvesse mais e ficasse cada vez menor.

Esta história me foi contada pelo próprio fantasma que habitava a torre do Paço Municipal.

Ele existia há mais de trezentos anos e muito antes de morar naquela torre da cidade já havia habitado um velho castelo na Europa.

Era um dos remanescentes do grupo de leprosos que um dia, passando pela cidade pediram guarida para serem tratados no leprosário local e acabaram sendo expulsos.

A praga contra aquela cidade foi lançada por ele e todos os outros leprosos que o acompanhavam. Praga esta que teria sido reforçada algum tempo depois por um grupo de irmãs religiosas, que cuidavam do Leprosário e que assim que este foi transformado em um asilo de velhos, também foram expulsas da cidade.

Não se sabe quem comandou as expulsões, mas eles desconfiavam do prefeito municipal à época e daí a praga ter se concentrado não só contra a cidade, mas também em relação a todos os seus futuros administradores.

Alto, forte com uma enorme corcunda que começava bem abaixo do pescoço e percorria até o meio das costas este fantasma tinha o rosto e mãos deformados pela lepra e os dentes amarelados, tendo ainda os caninos proeminentes, o que lhe dava uma aparência ainda mais terrível e sombria.

Não podia dizer que sua figura fosse das mais agradáveis. Completava a sua carranca um cabelo crespo, comprido e desgrenhado que caía pela testa e cobria as orelhas e parte das suas cicatrizes espalhadas pelo rosto. Ele era uma figura muito feia, e terrivelmente assustadora.

— Sorte que eles não conseguem me ver, senão sairiam correndo no primeiro minuto' me disse ele sobre os munícipes enquanto gargalhava.

Era ali pelas salas do Paço e pela biblioteca que ele costumava dar os seus passeios diários para assustar as pessoas, principalmente aqueles que ali trabalhavam, entre eles o próprio prefeito e seus vereadores.

Era um tal de derrubar um livro aqui, outro ali, abrir a porta de um dos armários, fazer cair uma caneta, voar um papel, esconder uma bolsa, carteira ou chapéu....

Vivia vagando naquela torre do Paço Municipal há mais de cem anos, pois havia se instalado ali em 1910, dois anos após a sua inauguração.

Uma das suas poucas distrações era ficar sentado no alto da torre, e olhar pelas frestas de suas janelas para acompanhar diariamente cada um dos cidadãos que passeavam pelas ruas do centro ou então pelo jardim, que se situava bem defronte aquele prédio.

As vezes ele costumava enviar uma energia ruim para fazer com que um deles tropeçasse e caísse ou então que dois carros batessem um contra o outro.

Não é à toa que existem inúmeros relatos de habitantes da cidade que, ao passarem perto daquela torre, relataram ouvir uma estranha gargalhada ecoar pela noite....

Seu único dia de sossego acontecia aos domingos, quando, sentado ao lado do relógio de quatro lados ficava ouvindo e se embevecendo com as lindas músicas executadas pela filarmônica, enquanto as crianças corriam e pulavam em volta do coreto, sob o olhar atentos de seus pais.

No mais costumava percorrer diariamente as diversas salas daquele prédio, onde ficavam as autoridades máximas da municipalidade e cometer as suas inúmeras travessuras para aterrorizar, colocar medo em alguém e fazer valer as pragas contra a cidade, para que seguissem seu curso.

Pode se dizer que ele estava ali só para garantir que todas as pragas se mantivessem pelo menos por mais de cem anos...

Além desse deleite em ouvir a filarmônica aos domingos ele gostava também de entrar na sala do prefeito, para, toda vez, derrubar o tinteiro sobre as folhas de papel, exatamente, quando o chefe do executivo estava assinando algum decreto importante.

Ele adorava fazer isso como uma espécie de vingança, não só para manter a continuidade das pragas jogadas por ele, seus amigos leprosos e as mães do leprosário, como também porque detestava todos aqueles mandatários, metidos a besta, que segundo sua visão, não tinham a menor qualidade para gerir aquela mal-assombrada cidade, grande produtora de café.

Até que um dia assumiu um novo prefeito, fervoroso adepto de uma dessas religiões afros que trabalham todos os lados do mundo espiritual. Como grande conhecedor de 'maus feitos e macumbas' assim que tomou posse ele percebeu onde tinha amarrado o seu burro. Assim imediatamente convocou alguns amigos médiuns para fazer uma limpeza geral e enxotar o velho fantasma dali.

Vários dias e noites se passaram até que os rituais terminaram e eles conseguiram finalmente acorrentá-lo e levá-lo para um tratamento nas hostes espirituais.

Terminado esse grande e pesado trabalho o prefeito e seus secretários, acompanhados dos médiuns envolvidos na empreitada corajosamente subiram naquela torre mal-assombrada.

Ali, entre velas pretas, sapos, aranhas e morcegos encontraram, bem ao lado do sino do relógio, um pequeno livro vermelho em cuja capa estava escrito: ‘Pragas’

Ao folheá-lo viram que, muitas das pragas que recaíram, durante anos, em cima da cidade, não eram simplesmente jogadas ao léu, elas eram todas detalhadamente organizadas e catalogadas.

Na introdução daquele livreto estava registrado em letras góticas o grande objetivo: ‘Fazer com que a cidade fosse perdendo totalmente a sua identidade.’

Naquele livrinho vermelho, com mais de 200 páginas, encontraram não só as várias descrições de magias e feitiços, mas também uma pequena lista de lugares da cidade, sempre com uma observação, anotada bem na frente delas:

Acabar com a principal riqueza, a cultura do café. OK

Lojas tradicionais da cidade — Fechar e a última pelo fogo. OK

Bares e restaurantes antigos da cidade — Falir todos. OK

Hotel — Transformar em hospedaria de fantasmas. OK

Estação de trem — Manter os prédios abandonados. OK

Futebol — Acabar com os times da cidade. OK

Seminário de padres e a Escola de Comércio — Fechar. OK

Cinemas — Fechar todos. OK

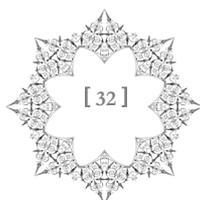
Empresa de ônibus — Encerrar linhas. OK

Indústria de tecelagem — Fechar. OK

Jardim público — Transformar em local de mendigos. OK

Principais clubes da cidade, fechar um a um. 50% feito

As pragas são como fantasmas, só nos abandonam quando deixamos de acreditar nelas.





# APRESENTAMOS O CONTO A ESTÁTUA DE CÉRBERO

POR LEONIDAS SILVA GEORGOULA

Graduando em Administração Pública pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), sempre gostou de escrever e criar histórias, tendo uma inclinação para aquelas que envolvem o sobrenatural e o fantástico. A Estátua de Cérbero é seu primeiro conto, criado originalmente em uma oficina de escrita criativa ofertada pela UDESC e desenvolvido para a antologia "A Casa da Bruxa". Atualmente o autor se dedica às atividades do Curso de Formação de Escritores da Metamorfose Cursos.

Era apenas uma noite de cinema, o filme obviamente era de terror, “JORNADA AO INFERNO 3”. Finada a cena pós-créditos e depois de eu ter terminado de gastar todas as minhas economias do mês na livraria do *shopping*, não pude resistir em passar na recém-inaugurada loja esotérica do enorme palácio consumista.

Na entrada lia-se: ENTRE! NÃO ACEITAMOS DEVOLUÇÕES!

A loja parecia um enorme multiverso de temáticas, objetos e artefatos, tão diversos que seria difícil categorizá-los. Na verdade, parecia que todos eles tinham saído de alguma coleção particular tamanha sua exotividade.

Olhando entre as prateleiras, um pequeno ponto rubro me chamou atenção: ali, perto dos incensos, estava uma pequena estátua vermelha de uma criatura que lembrava um cão de três cabeças. No entanto, suas feições eram infernais e assustadoras, o que contrastava com o espírito de docilidade de meus próprios cães, Otranto, Victor e Bram, três vira-latas com medo até da própria sombra.

A estátua me hipnotizou de tal forma que não resisti em pegá-la com minhas mãos suadas. O material era forte, parecia mineral, mas também oco, áspero e poroso, os detalhes em sua extensão pareciam ter sido feitos por unhas humanas, devido a sua aparente falta de homogeneidade. Além disso, o vermelho da estátua canídea lembrava sangue seco.

Ao tentar colocar a estátua de volta em sua prateleira envidraçada, ela escorregou das minhas mãos como se fosse feita de sabão e se espatifou no chão, chamando a atenção da dona da loja, que correu em minha direção.

— Leia a placa! Quebrou, pagou! São duzentos reais por esse caos que você fez, rapaz!

— Foi um acidente! Eu não tenho como pagar!

— Ninguém quebra os artefatos de uma bruxa e sai sem pagar o que deve!

Eu já começava a me arrepender de ter gastado todo o meu dinheiro em livros quando o semblante da mulher mudou, seus olhos giraram, deixando-os com um aspecto marmóreo e frio, ela então começou a balbuciar palavras descontroladamente:

— Meia...

— noi-te...

— vo...

— cê...

Subitamente, os olhos da bruxa escureceram e a loja foi tomada por sombras.

— Você será levado a meia-noite — Ela falou de forma possessa.

Minha alma congelou antes mesmo de eu sair correndo daquela loja. Sem fôlego, me dirigi ao ponto de ônibus em frente ao *shopping* para ir embora daquela penumbra o mais rápido possível.

O último ônibus ainda não havia chegado, já eram 23:15 e eu não conseguia esquecer as palavras daquela bruxa, com seus olhos vidrados e mãos trêmulas enquanto proferia:

— Você será levado à meia-noite.

— Você será levado à meia-noite.

— Você será levado à meia-noite.

As ruas ao redor do ponto de ônibus estavam desertas, no entanto, começo a perceber uma movimentação estranha entre as relvas noturnas. Assim que eu consigo vislumbrar melhor através do umbral, congelo como um animal prestes a ser morto por um predador.

No âmagô do breu, uma figura maléfica me encarava do fim da rua, ela sorria para mim, como se esperasse que eu saísse correndo dali. Rapidamente, agarro meu celular na esperança de ligar para o meu namorado vir me buscar, mas o meu telefone está completamente morto.

Uma luz cortou a noite assim que o ônibus chegou, me fazendo perder a criatura de vista. Desci no mesmo ponto de sempre, a alguns quarteirões da minha modesta casa, quando abro o portão, estranho o comportamento de meus cachorros. Normalmente sempre calmos e alegres, hoje estavam agitados e temerosos, como ficam quando troveja no céu carregado, desta vez o firmamento estava límpido como a água nascente, porém, os canídeos não paravam de latir para o aparente nada, como se esperassem um bote vindo das próprias sombras.

Já era quase meia-noite quando avistei a criatura novamente da janela do meu

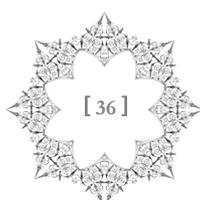
quarto, corri para trancar toda a casa, mas a porta de entrada já estava destruída, e o sangue dos meus cães se misturava ao odor fétido que a besta exalava.

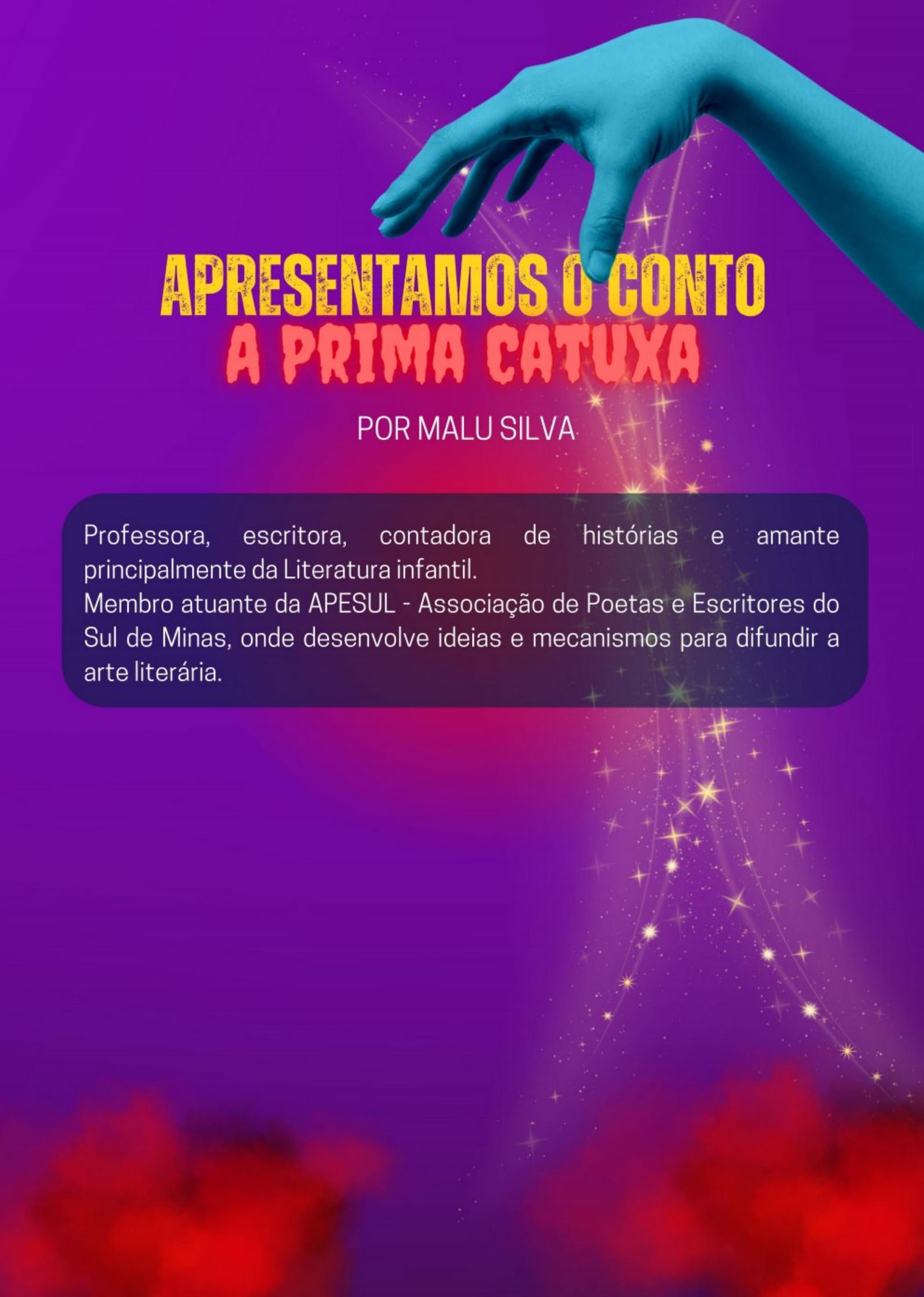
Os seus três pares de olhos avermelhados se aproximavam lentamente do meu corpo, eu sentia minha energia sendo drenada a cada passo que a criatura dava, quando ela chegou perto o suficiente para eu sentir a sua respiração ofegante, a fera desapareceu.

Olhei pela minha casa e a criatura parecia ter ido embora, porém, me deparo com uma visão aterradora: o meu corpo estava estendido no chão, ensanguentado e deformado, enquanto o meu espírito lentamente se esvaía para dentro das entranhas do monstro tricéfalo.

Percebo então a realidade: eu estava morto. As palavras da bruxa foram certeiras, eu apenas queria não ter ido à sua loja naquela noite.

Antes de desaparecer eternamente nas vísceras daquela besta infernal, um único pensamento perturba a minha mente: Eu nunca vou poder assistir à Jornada ao Inferno 4!





# APRESENTAMOS O CONTO A PRIMA CATUXA

POR MALU SILVA

Professora, escritora, contadora de histórias e amante principalmente da Literatura infantil.

Membro atuante da APESUL - Associação de Poetas e Escritores do Sul de Minas, onde desenvolve ideias e mecanismos para difundir a arte literária.

Era uma vez uma casa.

Isso mesmo!

Era uma vez uma casa, aparentemente normal, construída numa cidade normal, onde todos os habitantes pareciam, supostamente, normais.

A dona da casa, Mabel, era dessas pessoas fora de qualquer suspeita.

Todo dia acordava, abria portas e janelas, regava as plantas, aliás, todas as vizinhas invejavam seu jardim, pois era o mais florido e bem cuidado. Nele floresciam as mais belas hortênsias, rosas vermelhas, pequeninos miosótis e damas-da-noite, que perfumavam a rua toda quando anoitecia.

A vida corria na sua mais perfeita ordem, até que, numa certa manhã, dessas em que todos estão fazendo suas atividades do dia a dia, sentados nas praças, de olhos nos celulares, comprando pão na padaria, varrendo suas calçadas, se deparam com uma figura muito estranha descendo de um carro mais estranho ainda, bem na frente da casa de Mabel.

Uma mulher muito magra, de cabelos quase grisalhos, com a pele muito enrugada e vestida de roxo da cabeça aos pés, começa a tirar muitas caixas pretas e de todos os tamanhos de dentro do veículo. As pessoas que olhavam não aguentavam de tanta curiosidade, pois parecia que o carro não tinha fundo, ou era maior do que parecia ser, pois quanto mais caixas a senhora tirava, mais pilhas e pilhas de caixas surgiam e eram colocadas na frente da casa de Mabel.

A senhora da casa abriu a porta e saiu em disparada até o portão, onde tratou logo de agarrar a criatura estapafúrdia num longo e afetuoso abraço.

Diante daquela visão, a cidade toda silenciou-se, profundamente, que nem o arrulhar dos pombos se ouvia, ainda que eles estivessem na maior algazarra com as migalhas de pão que seu Onofre oferecia a eles, religiosamente, todos os dias.

Depois da calorosa recepção, as duas, trataram logo de recolher todas as caixas para dentro da casa e, a seguir, fecharam portas e janelas.

O silêncio, antes absoluto, deixou de existir dando espaço aos bochichos intermináveis.

Pode ter certeza, aquela noite, ninguém da cidade conseguiu dormir... Mal esperavam a manhã seguinte para descobrirem o que um ser tão diferente fazia na casa de Mabel, que era muito doce e querida pelos amigos.

Propositalmente, caminhavam a lentos passos em frente à casa da amiga. Paravam rapidamente, olhavam disfarçadamente pelas janelas, que dessa vez não estavam abertas e, nem a dona da casa estava pelo jardim aguando suas tão queridas plantas.

E assim passou um dia... dois... uma semana...

Até que alguém teve uma ideia!

— Vamos procurar o prefeito!

Um outro, retrucou:

— Isso já é caso de polícia!

E assim foi feito. Uma comissão com todos os cidadãos se reuniu. Metade foi ao gabinete do prefeito e a outra metade à delegacia.

Não se fazia mais nada naquele lugar a não ser querer saber algo sobre Mabel e sua visitante.

Após uma reunião longa com o delegado e o prefeito, as duas autoridades mandaram que todos fossem cuidar de suas vidas, pois eles tomariam as cabíveis providências e, assim foi feito.

O que as pessoas não sabiam era que essas duas autoridades também se roíam de curiosidade.

Todos se recolheram em suas casas e aguardaram os futuros acontecimentos.

Chegava quase perto da hora do almoço quando os responsáveis pela ordem local bateram à porta de dona Mabel que os atendeu com a gentileza de sempre.

— Pois não senhores, o que desejam?

— Dona Mabel, recebemos informações que a senhora acolheu uma visita muito estranha e suspeita e, como temos o dever de cuidar dos cidadãos dessa nossa cidade gostaríamos que dissesse de quem se trata.

— Oras, ela é minha queridíssima prima-irmã, que cansou-se de morar sozinha e distante da família e passará a morar comigo, sendo assim, será uma moradora dessa cidade também.

Delegado e prefeito se entreolharam quando viram a tal prima que, desengonçadamente, estendeu a mão para cumprimentá-los.

E foi logo dizendo em voz estridente:

— Prazer, sou Catuxa!

Desconfiados, estenderam as mãos, cumprimentando Catuxa e deram o fora dali.

Assim que puseram os pés na calçada uma cidade inteira já estava esperando por eles, todos falando ao mesmo tempo.

Sem compreender as perguntas e irritados com todo aquele furdunço, os dois chefes do poder público gritaram ao mesmo tempo:

— Saiam já daqui e vão viver a vida de vocês! Essa senhora é apenas uma parenta de Mabel que veio morar com ela! Bando de curiosos e fofoqueiros que não têm o que fazer!

O motim se espalhou. Todos se sentiram um pouco frustrados, pois imaginavam algo mais fantasioso que pudesse tirar a cidade daquele marasmo total e, voltaram aos afazeres enfadonhos da rotina instalada por tempos naquele lugar.

O que não sabiam era que a mudança maior ainda estava por vir...

Uma casa até então normal, com cores normais e com um jardim belíssimo, também dentro da normalidade, passou a ganhar novas formas, novas cores, novas flores...

A cada amanhecer, quem passava diante da residência de Mabel, via algo diferente.

Na primeira manhã, quando seu Onofre abriu a padaria viu a casa, que era branca de janelas azuis, toda pintada de roxo e com as janelas pretas.

Num outro dia foi a vez do padre, que ao fazer sua caminhada matinal viu o espaço do jardim sem flores e todo cheio de pedras.

Lalita, a linguaruda da cidade, ficou de espreita uma noite inteira para ver o que estava acontecendo e, numa dessas noites, viu florescerem rosas imensas e negras e abóboras gigantes brotando por toda parte.

Gatos pretos começaram a surgir entre as janelas e longas trepadeiras agarraram-se ao muro formando uma teia quase parecida as de aranhas.

Quem passava fazia o nome do pai e gritava bem alto e em coro:

-- Cruz credo! Ave- Maria!

Por muito tempo esconjuraram a casa e as duas moradoras.

Mabel que era tão querida, estava muito triste, pois agora todos a ignoravam e nem na igreja podia entrar mais.

Catuxa não ligava e fazia de conta que as zombarias não eram com ela.

Mas depois de um certo tempo passou a ficar preocupada com a tristeza de Mabel e Mabel preocupada com as maluquices e maldade da prima.

Como para tudo nessa vida há uma solução, as duas primas, como se gostavam muito e se respeitavam mesmo sendo diferentes, chegaram a um acordo.

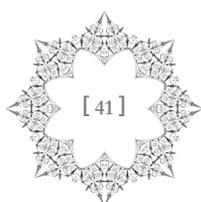
Durante uma noite bem clara, de lua cheia, elas colocaram um caldeirão bem grande no jardim, bem pertinho do portão. Encheram o caldeirão de guloseimas deliciosas e colocaram uma placa onde escreveram: AS APARÊNCIAS ENGANAM! AQUI NESSA CASA AS BRUXAS FAZEM O BEM E AMAM!

Daquele dia em diante e, bem aos poucos, a rotina da cidade foi voltando ao normal. Talvez mais normal do que já era.

As pessoas que passavam em frente ao portão de Mabel e Catuxa até se atreviam a pegar uns docinhos.

As crianças ficaram muito amigas dos gatos que ronronavam cada vez que uma delas lhes faziam carinhos.

Aprenderam que o inesperado acontece e que cada pessoa tem sua maneira de ser e que, acima de tudo, o que é estranho para mim, pode não ser estranho para você.





# APRESENTAMOS O CONTO A ABELHA-RAINHA

POR MÁRCIO ARAGÃO

Sergipano, nascido na cidade de Aracaju. Graduado em Educação Física, atualmente é acadêmico do curso de Jornalismo. Durante toda a sua vida se interessou por seres fantásticos, tendo criado várias personagens e narrativas ambientadas em diversos tipos de mundos, indo do real ao fantasioso. Participou das antologias “Anno Domini – Manuscritos Medievais” (2008), “Solarium” (2009) , “O Uivo do Lobo”(2023) e “Contos e Poemas Assombrosos Vol. VII”(2023), tendo também publicado os livros “O Último Imortal” (2005) e “Guardiões do Universo” (2009).

OBS.: o texto "Abelha-rainha" aborda temas sensíveis

“Bruxa”, “Abelha-Rainha”, “Manipuladora”, “Feiticeira”, “Morgana”. Muitos eram os nomes pelos quais Dalila era conhecida, e ela sorria ao lembrar-se disso. “Abelha-Rainha e Bruxa” — pensou ela com um largo sorriso — “Nestes eles acertaram mais do que imaginam!”. E aqui ela gargalhou como toda bruxa que se preze faria.

O ano é 2059. Primeira década da segunda metade do século XXI e Dalila estava no comando, de tudo e de todos. Em todo o planeta. Chega de submissão. Chega de humilhação. Chega de sofrimento! Seu sorriso desapareceu quase que instantaneamente e seus olhos ficaram marejados, pois as lembranças a perseguiram de forma implacável. Lembranças de eventos horríveis e traumáticos que aconteceram desde sempre em sua vida, até onde lembrava-se. Cresceu em um lar abusivo, com uma mãe violenta e um pai entregue ao alcoolismo. Perdeu as contas de quantas cicatrizes possuía espalhadas pelo seu corpo, consequência inevitável dos constantes abusos físicos. Sua própria mãe manipulava seu pai para que ele a estuprasse, após embriagá-lo diversas vezes. E a doentia mulher assistia e gravava a tudo, publicando os vídeos na *dark web*, onde qualquer um poderia assistir pagando a quantia de algumas centenas de reais. “Precisamos de dinheiro, querida”, falava a mãe, com um sorriso debochado, “Nós cuidamos de você e te damos um teto e comida. Nada mais justo que você retribua”, repetia a mulher de pouco mais de 30 anos, mas com aparência de ser pelo menos 10 anos mais velha. Dalila só tinha 11 anos àquela época e fora filmada dezenas de vezes enquanto seu próprio pai a pegava à força e fazia todo tipo de absurdo sexual com a menina, situação que provocaria revolta e nojo ao olhar de qualquer pessoa minimamente humana. Mas não aos olhos daqueles dois... A humanidade já os havia abandonado há muitos anos e Dalila sabia disso muito bem. Eles não mereciam sequer serem chamados de animais, pois isso seria uma ofensa aos próprios animais!

A Bruxa, àquela época apenas Dalila, recusava-se a aceitar sua condenação eterna. Faria qualquer coisa para mudar seu destino! E então, aos 14 anos de idade, em uma madrugada chuvosa com trovões e relâmpagos constantes em uma Sexta-Feira 13 (sim, o perfeito cenário para as mais assustadoras histórias de terror, devo dizer. Um verdadeiro clichê), ela ficou minutos em pé ao lado da cama de seus pais, observando-os enquanto dormiam calmamente, sua sanidade vacilando perigosamente rumo à loucura. A cortina da janela do quarto obscuro estava aberta e o característico som da chuva forte batendo no vidro inundava o ambiente. Um raio então cortou os céus e seu brilho fora refletido na

lâmina que Dalila segurava em sua mão trêmula. “Preciso fazer isso” pensava ela e até em seu pensamento sua voz estava trêmula. E então ela fez: com um movimento rápido e preciso, degolou sua mãe, que abriu os olhos, horrorizada, o sangue jorrando pelo ferimento mortal. Não emitiu nenhum som além do característico ruído de desespero de uma pessoa que não consegue respirar. Em minutos, então, suas pupilas dilataram-se. Estava morta. E Dalila observou tudo encarando-a friamente nos olhos, sentindo uma inesperada satisfação. Quase podia sorrir!

Olhou então para seu pai que, como sempre, alcoolizado, dormia tranquilamente. Caminhou calmamente até o outro lado da cama de casal e apunhalou-o várias vezes. 15 vezes para ser exato e o homem na faixa dos 50 anos até tentou reagir, mas quando se deu conta do que estava acontecendo seus ferimentos já haviam se tornado mortais, inevitavelmente enfraquecendo-o. Afogou-se no próprio sangue, pois Dalila fez questão de perfurar seus pulmões diversas vezes. E aqui a adolescente agora esboçava um sorriso enquanto via o olhar de desespero de seu pai, um olhar inútil de súplica por sua vida. Então Dalila degolou-o também. Tudo estava acabado e ela estava, finalmente, livre! Fugiu do lugar, limpando a lâmina assassina e enterrando-a bem longe de sua casa.

Os anos passaram-se e Dalila nunca fora encontrada. Assumiram, finalmente que ela também havia sido brutalmente assassinada naquele que a imprensa classificou como “crime brutalmente desumano”. Dalila sorria ao lembrar-se disso.

Aos 17 anos, Dalila iniciou a graduação em Biologia, formando-se e em seguida concluindo doutorado em Genética. Não demorou muito para ser levada aos Estados Unidos pela *USGenomics*, uma grande empresa farmacêutica de fachada, que na verdade desenvolvia projetos bélicos. “Abelha-Rainha” era o nome traduzido para o português do projeto para o qual fora designada. O projeto consistia em extrair da abelha-rainha o ferormônio que a permitia dar ordens às operárias e fazer uma mutação de forma que este mesmo ferormônio permitisse que fossem controlados os Zangões, humanos geneticamente modificados criados em laboratórios para serem usados como super-soldados em guerras. Tal ferormônio modificado seria dado a um seleto grupo de comandantes do exército americano para que estes coordenassem as tropas de Zangões nas incontáveis guerras travadas pelos Estados Unidos, em solo americano ou estrangeiro. Mas Dalila tinha outros planos.

Colaborou com a *USGenomics* até que milhares de Zangões estivessem funcionais e injetou o chamado Vírus Abelha-Rainha em si mesma, destruindo todas as outras

amostras, assim como toda a sua pesquisa, de forma que ninguém conseguisse reproduzir o vírus futuramente. Estava feito. Em segredo havia colocado na composição do vírus duas formas deste ser transmitido: qualquer um que entrasse em contato com o sangue de um Zangão, ou que fosse mordido por um Zangão, sofreria mutação, tornando-se um novo Zangão.

Menos de 3 anos foram suficientes para que os milhares de Zangões originais fossem multiplicados para tornarem-se milhões espalhados por todo o mundo. Todos obedeciam cegamente às ordens da Abelha-Rainha, às ordens da Bruxa! Mas Dalila não queria destruir o mundo. Ela queria controlá-lo! Queria tornar toda a população mundial submissa a ela pelo simples prazer de impor a todos a mesma aflição e sensação de impotência que fora obrigada a vivenciar durante boa parte de sua vida. Afinal não só seus pais eram os culpados, mas sim todos os que consumiram os vídeos obscenos dos quais era a inocente protagonista! Todos deveriam pagar! E, em sua lógica insana, se não tinha como determinar exatamente quais pessoas compraram e assistiram aos vídeos, iria atingir a todos do mundo, para garantir que os culpados fossem punidos! E faria isso enquanto estivesse viva. Incansável, implacável, imutável.

Os Zangões originais haviam recebido implantes auriculares para que pudessem ouvir as ordens da Abelha-Rainha em qualquer parte do mundo. E obedeciam sem questionar, qualquer que fosse a ordem, pois uma vez que haviam entrado em contato com o ferormônio secretado por Dalila e ouvido o som de sua voz, automaticamente e eternamente a reconheciam como sua soberana. E nada poderia ser feito para mudar isso, a Bruxa sabia. Já os Zangões gerados por infecção do Vírus Abelha-Rainha estavam sempre na hierarquia inferior da “colméia”, obedecendo aos Zangões que surgiram antes e estes, direta ou indiretamente, sempre obedeceriam à Abelha-Rainha. Sim, Dalila garantiu que o cérebro dos Zangões funcionasse desta forma.

Eram criaturas horrendas, os Zangões. Humanos deformados, com diversas chagas espalhadas pelo corpo, consequência da infecção do vírus invasor. Possuíam dentes pontiagudos e, dependendo do nível de infecção, alguns desenvolviam garras carregadas de veneno, assim como ferrões de abelhas, com a diferença que não morriam ao injetar seu veneno paralisante em suas vítimas, ao contrário das abelhas verdadeiras, que morriam após utilizarem seu ferrão. Eram velozes e dotados de força sobre-humana. Os que não conheciam seu nome verdadeiro os chamavam de Demônios. E poderiam facilmente ser classificados desta forma.

A Bruxa ria ao perceber que nenhum exército era capaz de destruir a totalidade de seus Zangões e ela sempre garantia que novos Demônios fossem enviados pelo mundo, pois seu próprio corpo era uma fonte inesgotável do Vírus Abelha-Rainha. E estes, os chamados Zangões Alfa, eram sempre dotados de implantes auriculares para que recebessem ordens diretas da Abelha-Rainha, mantendo a cadeia de comando dos Zangões sempre intacta.

Não demorou muito para que todos os governos do planeta simplesmente parassem de resistir aos domínios da Bruxa. Menos de 10 anos, na verdade. As perdas de soldados e civis eram constantes e em larga escala, seja por serem mortos ou por serem convertidos em novos Zangões, fazendo com que a Legião de Demônios da Bruxa crescesse de forma pavorosa. Diplomatas de todo o mundo então foram enviados ao antigo laboratório da *USGenomics*, local que Dalila tomara como seu novo lar, sua fortaleza. Sua “Casa de Doces”, como divertia-se em chamar. Ali oficializaram o Protocolo de Menor Prejuízo Possível, que referia-se aos termos de submissão de todos os países à Bruxa. Não ousavam matá-la, pois receavam que todos os bilhões de Zangões, sem uma cadeia de comando sólida, causassem a extinção da espécie humana. Dalila pelo menos os controlava, ainda que seguindo apenas a sua vontade sádica e insana. Ali, naquele momento, ficara firmado acordo que a Bruxa poderia agir de acordo com sua vontade, poderia sacrificar as vidas que julgasse necessário, independente da razão, desde que isto não fosse feito de maneira desenfreada e não colocasse em risco a existência da espécie humana. Desta forma, não mais ofereceriam resistência aos desígnios da Abelha-Rainha. Dalila ponderou e, com um sorriso demente, concordou, deixando claro que os diplomatas só saíam dali vivos porque ela precisava que transmitissem a informação do acordo firmado para todo o mundo. Era um acordo que visava não mais proteger a todos, mas sim garantir a perpetuação da espécie humana. Era o melhor que poderia ser feito àquela altura, os diplomatas sabiam.

Décadas se passaram e o envelhecimento de Dalila fora retardado pelo vírus. Agora com 87 anos de idade, não aparentava ter mais que 40 ou 50 anos. Grupos de pessoas eram oferecidos como sacrifício à fúria assassina de seus Zangões, e a Bruxa divertia-se com isso. Lembrava-se, satisfeita, dos filmes de fantasia medieval onde sacrifícios humanos eram oferecidos para acalmar a fúria de uma bruxa ou dragão. Era algo equivalente a isso que estava acontecendo, ela concluiu, satisfeita. Havia se tornado, de fato, uma bruxa, uma criatura maligna que estendia suas garras de trevas e causava terror

aos mais bravos seres. Sorriu satisfeita, mas sabia que sua cartada final ainda seria dada. O movimento derradeiro naquela longa partida de xadrez ainda estava por vir, pois ela sabia que, embora tivesse a vida prolongada significativamente, em algum momento o sopro vital a abandonaria e ela ganharia uma passagem direto para o inferno. E quando isso acontecesse, ela sabia, os seus bilhões de Zangões espalhados pelo mundo entrariam em um frenesi violento, destruindo a tudo e a todos que tivessem o azar de cruzar o seu caminho. No fim das contas, aquele ridículo Protocolo de Menor Prejuízo Possível só serviu para prolongar sua divertida vingança e adiar a inevitável e planejada conclusão daquele plano sangrento: a extinção de todos os humanos do planeta, afinal, seres nojentos, arrogantes, cruéis e sem escrúpulos não mereciam nada menos que encarar desespero e destruição. Dalila sorriu mais uma vez. Desfrutaria da conquista de seu domínio até a sua partida deste mundo, sabendo que quando este momento chegasse, seria a conclusão épica de um plano sangrento arquitetado por ela durante anos. Afinal, se não estivesse mais viva para desfrutá-la, não havia sentido em manter a todos do mundo vivos para prolongar sua vingança! Mal podia conter sua empolgação. E aqui, mais uma vez, gargalhou como qualquer bruxa que se preze faria. Tudo estava caminhando para sua cartada final e exatamente de acordo com seus planos. Tudo estava dando certo para ela. Tudo estava bem!





# APRESENTAMOS O POEMA A BRUXA E O DEMÔNIO

POR MÁRCIO ARAGÃO

Sergipano, nascido na cidade de Aracaju. Graduado em Educação Física, atualmente é acadêmico do curso de Jornalismo. Durante toda a sua vida se interessou por seres fantásticos, tendo criado várias personagens e narrativas ambientadas em diversos tipos de mundos, indo do real ao fantasioso. Participou das antologias “Anno Domini – Manuscritos Medievais” (2008), “Solarium” (2009) , “O Uivo do Lobo”(2023) e “Contos e Poemas Assombrosos Vol. VII”(2023), tendo também publicado os livros “O Último Imortal” (2005) e “Guardiões do Universo” (2009).

Diversos nomes eu tenho  
Pois não menos que isso desejo  
E para isso esbanjo empenho  
E recebo-os como gracejo

És um Demônio  
Vives no *Quase-Além*  
Foste *morto pelo Lobo*  
E sei o que buscas em alguém

Minha Alma, porém  
Não vais levar  
Pois não sou qualquer alguém  
Sou quem deves clamar!

Não entregar-me-ei ao *Enganador*  
Pois jamais a ele vou alimentar  
Venha, demônio! Mostre-me o que é medo!  
Mas, aviso, a ti irei amedrontar!

E com um sorriso contido  
Disse o demônio: “Em sua fala não há sentido”  
“Pois nada mais és que uma deturpação da ciência”  
“Já eu supero qualquer crença em existência”

E aqui o *Morto pelo Lobo* riu  
Estendendo as suas sombras até aquele ser vil  
“Venha, *Estrige*, venha, *bruxa!*”  
“És a auto-proclamada *Abelha-Rainha!*”  
“Que esperas conseguir?”  
“Que esperas sentir?”

E aqui a bruxa fitou com malícia

Estudando do demônio a perícia

Era de fato intrigante

Aquele malévolo pensante

Meus *Zangões* são meus demônios

Meus servos não pensantes

E se a mim destruíres

O mundo cairá muito antes

E aqui o Morto pelo Lobo sorriu

E gargalhou de forma vil

“Achas que a isto dou importância?”

“Supões que a isto dou relevância?”

“Tua fraqueza é a arrogância!”

E na satisfação do Enganador focando

O Demônio iniciou seu “causa-pranto”

E aqui Dalila urrou

Vendo suas forças a ela deixando

Sentido o desespero a ela sufocando

Desespero incomum

Pranto sem igual

Dor lancinante

Quem era, afinal, aquele ser pensante?

Tarde demais

Sua a alma a ela não mais pertencia

Tudo estava em treva

Tudo estava em agonia

E aqui o demônio sorriu

Bruxa, pagaste por todo o mal que causaste

Mas a ti devo agradecer

Pois muito alimento geraste

Agora o mundo sucumbirá

E a humanidade perecerá

Em um bem-vindo apocalipse

Que o Enganador aprovará

Seus *Zangões* em meu trabalho ajudarão

Pois a mim obedecerão

E tua alma ao Enganador pertencerá

E a ele alimentará

Ó Abelha-Rainha, a ti sou grato

Ajudaste-me, de fato!

Mas aqui me despeço

Adeus, ser vil!

Encontrar-te-ei no Vazio

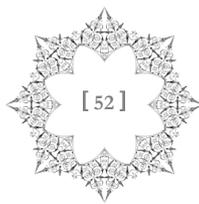
Lugar de eterno desprezo

Espaço de contínuo medo

Lugar onde agora pertences  
E de onde nunca mais escaparás!  
Pois lá da eternidade desfrutarás!

Eternidade de sofrimento  
Sem qualquer acalento  
Eternidade sem Luz!  
Onde só ao sofrimento se conduz!

FIM?





# APRESENTAMOS A RECEITA PARA POÇÕES DE LEVITAÇÃO

POR MARIA ALICE HEBLING

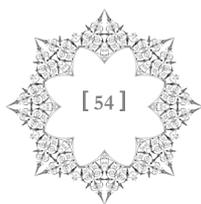
Nascida em Campinas, Maria Alice Hebling começou a criar histórias aos 10 anos e desde então nunca mais parou. Ela escreveu este e muitos outros poemas ao som de um rádio velho em sua casa. Quando não está inventando narrativas, ela gosta de fazer caminhadas pelas ruas desconhecidas de sua cidade.

Ingredientes:

- 4 xícaras de água da chuva
- 2 ½ xícaras de pó de lua
- 2 ½ xícaras de faíscas de sol
- 2 xícaras de garras de hipogrifo trituradas
- 1 xícara de cerdas de vassoura de bruxa
- 1 ¼ colher de sopa de pelos de unicórnio alado
- 2 colheres de chá de penas de falcão peregrino
- 1 varinha de fada

Modo de fazer:

- Aqueça a água de chuva em seu caldeirão a 60°C
- Coloque todos os ingredientes no recipiente, menos a varinha de fada. Para sua segurança, use luvas de proteção encantadas, pois as faíscas de sol podem queimar os seus dedos.
- Misture bem com a varinha de fada até ter um líquido denso e dourado
- Feche os olhos e murmure três vezes a palavra “Abracadabra”
- Finalize colocando o líquido dentro de um recipiente de vidro da sua escolha. Não se esqueça de armazenar a poção em uma prateleira longe do chão.





# APRESENTAMOS O POEMA BRUXA, BRUXINHA!

POR MEIRE MARION

Professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis Charlie the Fish (2018), O primo do Charlie(2018), O menino que não sabia de onde veio (2021)Dois Gatinhos(2021) e THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.

bruxa, bruxinha  
seja boazinha

faz uma mágica porção  
me liberta dessa solidão  
traga alguém bem bonito

bruxa, bruxinha  
seja boazinha

esquenta seu poderoso caldeirão  
o encha para atrair um bonachão  
que vai de encontro com a minha emoção

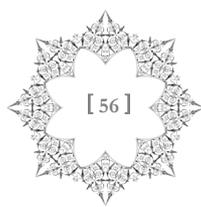
bruxa, bruxinha  
seja boazinha

coloque muito cravo e canela  
agite fervorosamente a sua panela  
termine essa triste novela

bruxa, bruxinha  
seja boazinha

adicione um punhado de calor  
junte uma xícara de suave odor  
recheie esse meu vazio com muito amor

por favor,  
bruxa, bruxinha  
seja boazinha





# APRESENTAMOS O CONTO QUATRO MOSCAS SOBRE VELUDO CINZA

POR NEY ALENCAR

Natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 222 contos publicados em 48 e-books e em 76 antologias. Possui 04 Romances publicados.

“Ter borboletas no estômago é saboroso,  
Mas aprisiona-las em jarros  
Sobre a estante é delicioso!”

Velho ditado de Guay

O olho azul da Velha Cinzenta rodopiou sobre sua órbita astuta, diabolicamente aceso com um brilho demoníaco, olhando para três pequenos vidros de cristal colorido sobre a toalha florida da mesa de sua sala de jantar.

Dentro de cada vidro uma mosca revoava desesperada tentando fugir de sua prisão translúcida e mortal.

Ao lado dos pequenos frascos uma chávena de chá de hortelã fumegante e quatro pratos de porcelana muito antigos, cada um com um pedaço de torta de maçã e canela.

A Velha Cinzenta sorriu para suas duas convidadas.

— Você tem a primeira! — falou ela olhando divertida para a bruxa à sua direita, que nesse momento observava atentamente o caminho ladeado de peônias que levava até a casinha e de onde se podia ver as montanhas mais ao fundo, arroxeadas pela distância e mais próxima a soturna Charneca de Guay, pela pequena janela aberta, e depois dirigiu-se à outra bruxa à sua esquerda, que olhava cobiçosa para sua estante de madeira negra, envernizada, à um canto, que continha livros tão antigos cujos títulos estavam escritos em línguas já esquecidas pela humanidade e cujos assuntos blasfemos e horrendos demais para serem mencionados aqui, há muito haviam sido banidos de todas as bibliotecas conhecidas — E você tem a terceira e a quarta. Quem nós não temos?

As duas voltaram seus olhares culpados para ela e a primeira, à sua direita, chamada Deusidéria Dente de Leão, que se poderia chamar de “bruxa moderna” pois havia se mudado de além das terras que conhecemos para a amaldiçoada cidade de Recife Velho, onde geria um site de cursos online sobre Tarô, Magia Ritual e ervas e plantas mágicas, piscou e disse:

— Falta a Língua de Obá! Está atrasada.

A Velha Cinzenta olhou com seu olho verde para a outra bruxa, chamada Gheluna, cujos cabelos cor de fogo ardente contrastavam com os olhos azuis como diamantes congelados, e que possuía dois corações, sua pele branca como a neve corou e ela se mexeu desconfortavelmente na cadeira de madeira macia.

— Ela recebeu o convite, me certifiquei pessoalmente disso. — arrematou a outra, como se estivesse se desculpando.

A Velha Cinzenta tomou um pouco do chá de hortelã fumegante, estalando a língua.

— Nós esperamos! Ela não deve demorar.

— É verdade que a Senhora morava em uma torre cúbica de tijolos vermelhos e teto verde cheio de malvas-rosas, nas praias da imorredoura Atlântida, antes que esta fosse engolida pelo oceano ciumento? — perguntou Deusidéria com uma voz tímida.

A Velha Cinzenta ia dizer alguma coisa, mas ouviram uma batida na porta.

Esta abriu-se, como se por mágica, e a silhueta magra de Joana de Orleans, chamada Língua de Obá, uma velha portuguesa descendente de escravos Angolanos que morava no finalzinho da Rua do Escobal, perto da Estação de Afogados, em Recife Velho, entrou sem cerimônias!

— Atrasei-me! Foram os caminhos, estavam mais difíceis nos dias de hoje, confusos mesmo, as trevas já não são mais as mesmas que eram antigamente! Está cada vez mais difícil conseguir uma boa nesga de escuridão para viajar.

— Sei como é. — atalhou Deusidéria sorrindo — Ainda na semana passada estava tentando chegar em Passagem e acabei perdida em um mundo aleatório dentro dos interstícios das coisa. O mais desagradável foi que o lugar era feito de quadrados mágicos duplos, e foi bem difícil calcular a viagem de volta!

A Língua de Obá abriu uma pequena bolsa de couro cor de pele à tiracolo e de lá tirou um frasco de cristal rosado, em cujo interior vojava uma mosca, um pouco maior do que as outras três e de asas esverdeadas.

As outras três olharam a mosca com olhares cobiçosos e famintos.

A bruxa saboreou o momento de triunfo!

— Esta é particularmente saborosa, está cheia de orgulho, soberba e ganância! Foi difícil de capturar, pois também era muito esperta, como o são as crianças nessa idade, mas acabei conseguindo atraí-la com os doces costumeiros. Nenhuma jamais escapa da cobiça pelo açúcar!

As outras três riram, risadas cacarejantes e horrendas que ecoaram lúgubres e que arrepiariam o mais empedernido dos heróis antigos!

A Velha Cinzenta retrucou ainda rindo:

— A alma é tão saborosa quando transmutada em um inseto tão pequeno, basta apenas adicionar um pouco de tempero de horror e medo! Explode na boca como um caramelo de açúcar!

Depois levantou-se e foi até uma mesinha de canto, uma cômoda pequena pintada de vermelho e branco e de dentro de uma das vetustas gavetas tirou um pano dobrado.

Abriu-o sobre a mesa, um retângulo de veludo cinza, quase da cor de chumbo, com círculos e outras figuras geométricas desenhadas com o que não parecia ser tinta vermelha, e com séries de letras de um alfabeto muito antigo pintadas ao redor de cada figura em um intrincado e funesto diagrama que remontava as gravuras dos velhos grimórios da antiguidade negra.

Junto com o retalho de veludo cinza colocou sobre a mesa quatro grandes alfinetes de um metal preto lúcido que não podia ser encontrado na terra, mas que era um presente dos céus, que possuíam cabeças cogumeluda e coloridas, uma branca, outra vermelha, uma terceira roxa e a última negra.

Cada uma delas por sua vez pegou um alfinete, conforme sua idade e grau.

Com suas mãos direitas agarraram os frascos e destampando-os, com um movimento célere, mais rápido que o olho, aprisionaram as moscas que tentaram fugir por entre suas unhas compridas.

A última, maior e mais gorda que as demais, conseguiu escapar por entre os dedos da Língua de Obá e revoou por um instante dentro da sala, como se procurasse uma saída daquele antro de horror e morte.

Demorou-se, porém, um segundo a mais do que podia e a mão certa da Velha Cinzenta, em um movimento fatal fechou-se sobre ela, impedindo sua fuga.

Entregou-a cuidadosamente à Língua de Obá, que a prendeu entre as unhas do polegar e do indicador, a olhou de perto com seus olhos de ébano e balançando a cabeça falou:

— Pobre criaturinha indefesa, não adianta tentar fugir, seu destino já está selado! — e riu desbragadamente.

Cada uma delas, colocaram as quatro moscas sobre o veludo cinza.

Os pequenos insetos não voaram, estavam irremediavelmente mesmerizados naquela armadilha luxuosa.

Cada bruxa enterrou e traspassou com seu alfinete uma das moscas.

Os insetos estremeeceram por um instante, em um estertor horrendo, mas seus olhos bulbosos não perderam a luz ainda, e uma delas, a mais gorda, emitiu um pequeno grito de terror que era quase como o grito desesperado de uma criança, quando descobre o fim para o qual foi trazida até ali.

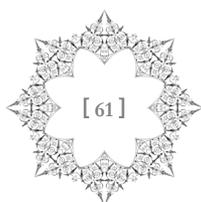
A Velha Cinzenta levou a criaturinha presa em seu alfinete à boca e a mastigou sem cerimônia, sentindo o pequeno corpo explodir em uma erupção de sabores deliciosos que fizeram seu corpo encarquilhado estremeecer de prazer libidinoso!

As outras três a seguiram, refestelando-se naquele banquete obsceno!

Olharam-se por um instante, os quatro pares de olhos brilhando, regozijando-se em um gozo desavergonhado e impudico!

Então todas elas riram ainda mais alto e quem passasse naquele momento pela extensa Charneca de Guay, perto da borda das terras que conhecemos veria aquela casinha solitária com uma varanda frondosa e um canteiro bizarro de pedras coloridas, ouviria as risadas cacarejantes e impudicas daquelas velhas bruxas e, se fossem espertos o suficiente, se desviariam para outra estrada, porque não era seguro cruzar a frente daquela casinha numa ocasião tão bizarra!

- **Gheluna** – Bruxa da floresta mágica. Ela encantou o filho do Rei Vermelho, transformando-o no touro da neve. Prendeu o rouxinol que trocou com **Natanael Boa Sorte** pela pele de seis lobos. É chamada também de **Strix** e **Morai**, tem os cabelos cor de fogo, os olhos azuis e dois corações, sua pele é branca como a neve e se alimenta principalmente do sangue de recém nascidos. Pode assumir a forma de dragão com sete cabeças de serpente.





# APRESENTAMOS O CONTO O GÊNIO QUEBRADO

POR NEY ALENCAR

Natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 222 contos publicados em 48 e-books e em 76 antologias. Possui 04 Romances publicados.

“E assim como um relógio quebrado  
Também o gênio depois de eras aprisionado  
Estava por dentro quebrado!”

— O Mercador e o Gênio, um conto de Veneza

1915, Recife Velho.

Josivaldo estava limpando uma velha cômoda da família, uma herança de uma tataravó muito distante, queria vendê-la para um antiquário no dia seguinte, precisava do dinheiro.

Ao meter a mão no fundo da última gaveta, seus dedos deram com algo frio, algo bem pequenino, quase minúsculo.

Pensou que fosse um caco de vidro.

Com cuidado desusado pegou o objeto e o trouxe para a luz.

Maravilhou-se! Era uma garrafinha de formato bizarro, bojuda e com um gargalo alongado, dentro da qual uma fumaça colorida parecia evoluar continuamente.

Que seria aquilo? Não tinha idéia. Como teria ido parar ali? A quem teria pertencido?

Perguntas estranhas que lhe vieram à mente como que por acaso e desapareceram como que por encanto.

Havia uma rolha também minúscula com uma letra gravada em negro.

Curioso o rapaz apertou a rolha nos dedos e puxou-a, destampando a garrafinha.

Subitamente uma fumarada amarela começou a escapar pelo gargalo tomando conta do aposento, tossindo Josivaldo recuou assustado até a parede e ficou ali, parado, sem conseguir se mover, mesmerizado pela cena dantesca.

Diante dele, no meio da fumaça algo começou a tomar forma, uma silhueta gigantesca, algo como nunca vira antes. Parecia a forma de um homem!

Mas que homem era aquele de proporções tão grandes, parecia um gigante!

Josivaldo correu a abrir uma janela, talvez o ser quisesse escapar se lhe fosse dada uma oportunidade, e ele não esperou nem por um momento.

Uma brisa fresca soprou e levou embora a fumaça, mas o homem gigante ficou, parado bem ali na sua frente. Josivaldo engasgou. Nunca vira ninguém como aquele homem.

Era alto, a tez morena, os cabelos lisos estavam presos em um rabo de cavalo comprido, suas pernas eram como mastros, sua boca eram como uma vasta caverna.

Vestia seda de diversas cores, azul, vermelho, laranja, amarelo, verde, eram tantas, cores que nunca vira antes, nem sabia o nome.

O Gênio, pois aquela na frente de Josivaldo não era nada mais nada menos que um gênio aprisionado em uma garrafa mágica, curvou-se em uma mesura e falou, com uma voz maravilhosa que fez Josivaldo tremer.

— Meu mestre, sou seu escravo. Diga-me o que fazer e eu farei! Diga-me o que quer e eu trarei! Diga-me o que destruir e eu destruirei!

Josivaldo estava afônico, as palavras morreram-lhe na garganta.

O Gênio falava sua língua, como se fosse nativo daquela cidade, daquele país!

Uma pergunta saltou de sua língua:

— Como você coube nessa garrafinha? — perguntou Josivaldo sem se conter mais.

O Gênio o olhou como se estivesse perdido em pensamentos muito distantes.

— Oh, eu me lembro! — cantou a voz maviosa do Gênio quase com um soluço — Estava passeando pelas ruínas da velha Uruk, caminhando lentamente por suas alamedas cheias de estátuas de deuses antigos que já não eram adorados, olhando para suas vastas cúpulas alquebradas e rotas e vendo as incríveis matizes da sul do sol poente rebrilhando nos cacos de vidros de seus minaretes quebrados quando uma velha surgiu diante de mim e cacarejou alguma coisa em uma língua que não entendi. Eu ri e ela enfureceu-se comigo, não sei porque. Logo depois mostrou-me o grande selo de Salomão e forçou-me a entrar nesta garrafinha minúscula. Aprisionado eu me lembrei de quem era aquela senhora malvada, chamavam-na de Velha Cinzenta, uma bruxa antiga e perversa, já mesmo entre os adormecidos deuses antigos, e diziam certas lendas esquecidas, escritas em um papiro da velha Biblioteca de Alexandria, que ela vivera em sua juventude em uma torre cúbica de tijolos vermelhos e teto verde cheio de malvas-rosas, nas praias da imorredoura Atlântida, antes que esta fosse engolida pelo oceano ciumento. A Velha Cinzenta era uma bruxa de verdade! Uma bruxa sinistra e má! Assim eu fiquei aprisionado desde aquele dia até hoje, quando meu mestre me libertou!

Josivaldo nem sabia o que dizer, estava pasmo.

Afinal articulou gaguejando:

— Como você veio parar dentro da cômoda? Quem colocou sua garrafa lá? — perguntou Josivaldo mudando as palavras.

O Gênio pensou por um momento.

— Ah, sim, foi uma mocinha de corpo esguio e pernas bem torneadas que teimavam em sobressair por debaixo da saia curta, seus cabelos eram cor de mel e seu sorriso era como o sol! A velha bruxa que me aprisionou me deu como presentinha à ela em troca de uma rosa vermelha e outra branca. A mocinha me esqueceu. Em sua velhice ela deu esta garrafinha à sua filha que por sua vez a deu ao seu filho mais velho e este a guardou dentro da gaveta onde meu mestre me encontrou!

— Você é um gênio da lâmpada?

O Gênio riu uma risada clara e alegre.

— Sou um gênio sim, meu mestre, mas não de uma lâmpada. — e apontando a garrafinha continuou — Sou um gênio da garrafa! É claro que existem outros tipos de gênios, como os das lâmpadas e dos anéis e talvez outros tipos de objetos que nem consigo imaginar, mas eu mesmo sou um gênio de garrafa.

— Isso quer dizer que você concede desejos? — perguntou Josivaldo sorrindo.

— Sim! Concedo sim, meu mestre! — concordou o Gênio piscando um olho — Mas devo avisar para ter cuidado com aquilo que o senhor deseja, pois quando concedido o desejo não poderá ser mudado nem poderá voltar atrás em seu pedido.

— Quantos desejos você concede?

— Quantos o senhor quiser, mestre. Nós, gênios, não somos limitados pelos padrões dos homens nem dos deuses.

O sorriso no rosto de Josivaldo abriu-se ainda mais!

— Eu desejo muito dinheiro! — falou Josivaldo.

O Gênio abriu as mãos e uma quantidade infinita de moedas douradas caíram de suas palmas e repicaram pelo chão, se amontoando aos pés de Josivaldo e formando uma pilha que logo tomou todo o chão do sótão.

Porém quando se abaixou e pegou uma delas viu que eram moedas de cobre, não eram verdadeiras, nenhuma delas.

Tentou novamente, e assim passou a noite inteira.

Nos dias que se seguiram, após centenas de tentativas frustradas, com todos os tipos de combinações de palavras em desejos simples ou complexos Josivaldo aprendeu a dura realidade da sua sorte!

Encontrara uma garrafa com um gênio, um feito por si só incomparável, porém este estava quebrado depois de eras trancado dentro daquele frasco pela bruxa malvada, sua mente se rompera e sua sanidade se estilhaçara.

Numa tarde de verão, Josivaldo abriu novamente a garrafinha e desejou que o Gênio voltasse para dentro dela.

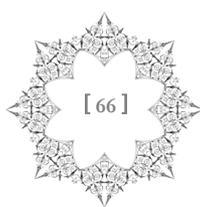
Uma fumaça amarelada envolveu a triste criatura e a carregou para dentro daquele frasco amaldiçoado.

Josivaldo pegou a garrafinha e a guardou lá no fundo da última gaveta da cômoda antiga, que ficou esquecida em um canto do sótão.

Ele mesmo nunca mais voltou ali como homem vivo!

Dizem as velhas senhoras ociosas que perambulavam pela praça do velho mercado de peixe de Recife Velho, fumando seus cigarros de cheiro forte, e bebendo suas cachaças brancas, que a garrafinha ficou guardada por quase setenta anos dentro daquela gaveta até que foi encontrada por um garoto que libertou o Gênio e o deixou livre para ir-se embora no fim de uma tarde chuvosa de primavera.

Mas como já se disse em outras partes, as coisas que dizem as velhas senhoras mexeriqueiras da praça do mercado de peixe, perto da grande fonte nos dias de feira, não podem ser levadas à sério!





# APRESENTAMOS O CONTO A ESCADA DA BRUXA

POR NEY ALENCAR

Natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 222 contos publicados em 48 e-books e em 76 antologias. Possui 04 Romances publicados.

“Bruxas malvadas vem em todas as formas,  
Tamanhos e cores, mas crianças más  
Tem um gosto diferente!”

— Velho ditado de Guay

1900. Recife Velho.

Crianças más são particularmente suculentas, pelo menos é o que dizem as bruxas mais velhas e experientes quando se trata da enigmática e sutil arte da culinária infantil!

Eleusina era uma criança má!

Não tinha nem bem onze anos, porém tinha um gosto peculiar por pregar peças mordazes e fazer maldades, fossem grandes ou pequenas, fosse com crianças menores, fosse com adultos e pessoas mais velhas, principalmente estas últimas.

Costumava atanzar a vida dos vizinhos, roubando as garrafas de leite que o leiteiro, senhor Alcântara, costumava deixar nas soleiras no finalzinho da madrugada, também escondia os jornais e jogava fora as correspondências.

Colocava veneno de rato misturado com postas de carne macia para os gatos que frequentavam o lugar, chegando a quase acabar com os felinos que perambulavam por aquelas bandas, de tal forma que a população de ratos cresceu e foi preciso que os moradores da rua contratassem os homens do controle de pragas para resolverem o problema.

Na escola não era diferente, já havia sido expulsa de três desde os cinco anos, nenhuma professora conseguia controlar seu gênio malcriado e maldoso, batia nos pequenos e roubava suas merendas, colocava o pé na frente para derrubá-los e ria quando caíam.

Realmente era uma criança má!

A casa de seus pais era um sobrado alto e de tijolos cozidos no meio da Rua do Escobal, perto da Estação de Afogados, em Recife Velho.

Não havia muitas crianças na rua, apenas Eleusina e duas outras crianças na primeira casa, mas estas já tinham mais de treze anos e portanto já não figuravam como quitutes no cardápio de nenhuma bruxa.

E por sinal naquela rua morava uma bruxa!

Seu nome era Joana de Orleans, mas todos a chamavam apenas de Língua de Obá, era uma velha portuguesa descendente de escravos Angolanos que morava no finalzinho da rua em uma casa de tábuas pretas e telhado esverdeado, com duas janelonas na frente, como dois olhos sempre abertos e uma grande porta de carvalho que diziam ter sido trazida de além mar há várias décadas.

O povo da região contava que era uma bruxa, mas ninguém se lembrava de onde havia saído aquela idéia.

A velha Joana era rabugenta e dada a ataques de raiva, irascível e má, todos os vizinhos se afastavam dela e ninguém tinha-lhe amizade, nem mesmo conversavam com ela.

A bruxa não ligava, gostava de solidão para praticar suas artes negras e vez por outra recebia um cliente para consultar sobre assuntos miraculosos e sobrenaturais, nunca dispensava nenhum deles!

Houve por bem, no entanto, que a pequena Eleusina cismasse com a velha Joana!

Aconteceu certa vez que fora a venda com sua mãe para comprar mantimentos.

Eleusina olhara para o pote de caramelos e pedira a mãe que lhe comprasse um, a senhora já ia pedir para o atendente, quando a velha Joana abriu o pote e pegou o último, olhando para o rosto da menina e sorrindo sarcasticamente, mostrando os dentes como soíam fazer os cavalos quando relinçam.

A menina fechou a cara e ficou morrendo de raiva da bruxa.

A velha Joana voltou para casa mastigando o caramelo com gosto, por tê-lo tirado da pequena e logo esqueceu o fato.

Eleusina porém não o esqueceu, jurou vingança pelo caramelo roubado!

Deu para passar as tardes, depois da escola a rodear a casa da bruxa, como ganas de lhe pregar uma peça, alguma coisa realmente grande para que a velha se lembrasse sempre.

Por essa ocasião surgiu uma goteira no telhado e a velha Joana trouxe uma escada quase tão velha quanto ela e apoiou-a no lado da casa para subir e consertar as telhas quebradas.

Vendo aquilo Eleusina resolveu pregar-lhe um susto.

Vigiu a casa da bruxa e quando esta saiu para ir à telharia, a menina má entrou no terreno e com uma serrinha de metal que furtara das ferramentas do pai, que era

serralheiro, serrou dois dos degraus do meio da escada, de forma que quando a velha fosse subir acabasse caindo.

Correu para casa e esperou ansiosa, mal se continha.

No dia seguinte, lá pelo meio da tarde ouviu-se um “crack” bem alto seguido por uma série de gritos lancinantes acompanhados por uma comissão de impropérios e xingamentos bem colocados.

Os vizinhos acudiram ressabiados, posto que ninguém gostava da velha.

Encontraram-na caída ao pé da escada, os degraus quebrados, as telhas novas partidas.

Uma das pernas, a esquerda, estava em uma posição estranha, toda torcida por debaixo do corpo encarquilhado e esbranquiçado da velha, as saias arreganhadas até a cintura deixavam à mostra as partes pudendas desvestidas.

Quebrara a perna na queda!

Tentaram levá-la para o hospital, mas como a velha Joana se negasse veementemente acabaram deixando-a na soleira da casa e foram embora.

A velha Joana curou-se sozinha, foi se curando como pode até conseguir andar novamente, mas daquele dia em diante passou a mancar da perna esquerda.

Havia, porém uma chama de ódio em seu olhar todas as vezes que via a pequena Eleusina, sabia que fora ela quem lhe pregara aquela peça terrível e que por pouco não lhe causara um mal maior.

Estava chegando uma data importante em seu calendário, e tinha planos especiais para sua vingança contra a pequena perversa.

Ouvira falar do mau gênio da criança, quase tão ruim quanto ela mesma e quase sentiu orgulho de ter uma inimiga tão malévola quanto ela mesma fora um dia, quando também fora criança.

Mas isso não a fez odiar menos Eleusina, muito pelo contrário, aquela vizinhança era pequena demais para duas criaturas como elas.

Resolveu pôr um fim naquilo.

Dois dias depois, Eleusina estava na frente de sua casa jogando bola sozinha quando sentiu um cheiro maravilhoso de caramelos recém cozinhados.

O cheiro era forte e pungente e vinha do quintal da casa da bruxa.

Devagar, pé ante pé, a menina veio se aproximando, como animalzinho arisco que pressente a armadilha.

Chegou na cerca e olhou por cima.

Na janela da frente uma grande forma cheia de caramelos esfriava.

Eleusina ficou ali parada, lambendo os beicinhos, a barriga gritando de vontade de comer aquelas guloseimas.

Olhou para um lado, olhou para o outro, não viu nem sombra da velha bruxa, talvez tivesse saído.

Pulou a cerca e veio se esgueirando pelo quintal, os olhos fixos nos caramelos, era quase como se voasse enlevada naquele cheiro delicioso.

Chegou debaixo da janela e parou, prestando atenção, tentando ouvir algo.

Não conseguiu ouvir nada, estava tudo em silêncio.

Não havia nenhum som no interior da casa, nem ao redor.

A menina levantou-se e com as mãozinhas gorduchas limpou a forma, jogando todos os caramelos dentro de um saco de papel e correndo o mais que podia para longe dali.

No crepúsculo sentou-se debaixo de uma pitangueira nos fundos do quintal de sua casa e comeu todos os caramelos, um por um, saboreando cada dentada e cada mordida, parecia que todos tinham gostos diferentes, nenhum era igual, e cada um era mais gostoso que o anterior.

Fartou-se até não poder mais!

A mãe a chamou para tomar banho e jantar.

Ela entrou correndo em casa, alegre por ter conseguido passar a perna na bruxa, ou pelo menos era assim que pensava!

Mas a velha Joana era uma bruxa esperta e voraz, sabia como ninguém usar suas artes negras para encantar e mesmerizar quem quisesse, fora pensando naquela criança má que cozinhara aqueles caramelos.

Eleusina jantou e foi dormir.

Acordou de madrugada, quando o carrilhão da sala bateu a meia-noite, sentia-se estranha, tudo ao seu redor parecia maior do que ela se lembrava, como se houvesse ficado pequenininha.

A cama era como um grande campo branco, foi levantar-se e num pulo estava voando pelo quarto, assustou-se, já não era mais criança, mas sim uma grande, verde e gorducha mosca de asas pequenas.

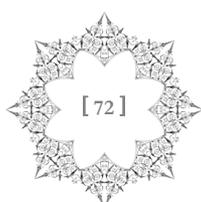
Bem mais assustada, tentou fugir e voou pela janela, mas eis que uma rede a esperava, e tão logo viu-se presa um rosto assustador surgiu, era a velha Joana.

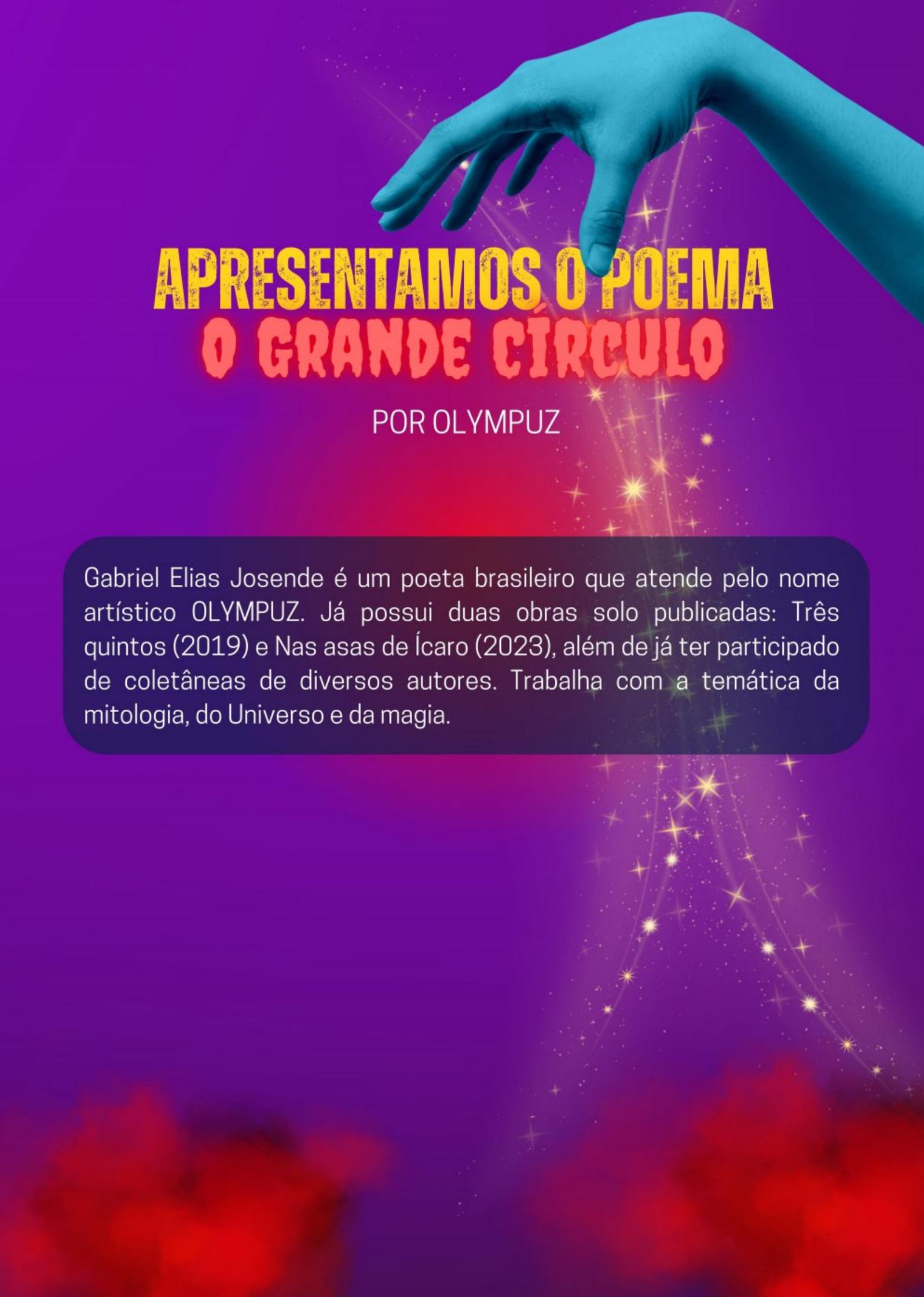
A bruxa tirou a pequena mosca da rede e colocou-a em um frasco de cristal transparente, rindo à socapa uma risada cacarejante e assustadora.

— Ah, minha mosquinha, agora te peguei! Você comeu meus caramelos mágicos não é mesmo? Todos eles não foi? Pois bem, você agora será meu caramelo!

E assim dizendo a velha Joana colocou o frasco em uma bolsa cor de pele que levava à tiracolo e montando em uma vassoura piaçava, de um pulo só, levantou-se no ar e sumiu nas horas mortas da madrugada.

Da pequena e má Eleusina nunca mais ninguém ouviu falar!





# APRESENTAMOS O POEMA O GRANDE CÍRCULO

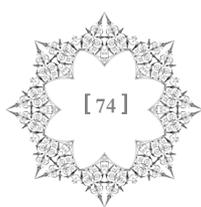
POR OLYMPUZ

Gabriel Elias Josende é um poeta brasileiro que atende pelo nome artístico OLYMPUZ. Já possui duas obras solo publicadas: Três quintos (2019) e Nas asas de Ícaro (2023), além de já ter participado de coletâneas de diversos autores. Trabalha com a temática da mitologia, do Universo e da magia.

Deixei meu círculo aberto  
a quem quisesse nele entrar.  
Em sua volta, dançavam as bruxas,  
filhas da Grande Deusa.

De pés na terra e cabelos longos,  
saias leves até o chão,  
elas giravam e cantavam,  
concedendo a mim sua proteção.

Daquela magia, fez-se a minha,  
acendendo a chama de um fogo pagão,  
que conjurava o feitiço supremo  
e dava vida a um grande sonho,  
que agora, cabia na palma da minha mão.





# APRESENTAMOS O CONTO A BRUXA ESCONDIDA

POR SELMA LUANNY

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de trinta e duas antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Um dia, alguém lhe disse: "você tem olhos de bruxa".

E pronto. Foi tudo o que era preciso para acender a centelha.

No seu imo, inúmeras coisas a tentarem justificar aquela fala.

Pensou sobre o que fizera de diferente do normal, suas sinas e culpas pouco sentidas e até pesadelos e alucinações que porventura, assombraram-na no passado (e tivera uma clara e marcante alucinação quando criança, onde pareceu que cerca de uma dezena de enormes lobos — uma verdadeira alcateia —, passara correndo junto a ela).

Mas era ou não uma bruxa? Tinha que tirar isso a limpo.

Então tentou acionar poderes possivelmente não ainda manifestos.

Primeiro, o mais importante para uma bruxa (assim obviamente achava, pois toda bruxa, pelo menos nos filmes que assistira, tinha), uma vassoura que com ela, voasse. Tentou com as poucas vassouras de casa, mas não conseguiu voar — talvez aquelas não fossem as ideais ou indicadas para o grande feito ou precisassem mesmo ser enfeitiçadas na origem. A pesquisar.

Depois, procurou por ditos e sons sabidos de bruxas e concentrada, os repetiu até se cansar — nada era produtivo ou definitivo.

Tentou mistura de ervas, ditas do(a) "curandeirismo e/ou magia". Mas não teve estômago para usá-las em si ou noutros — nem nos animais, coitadinhos!

E como não soltavam rolos de fumaça ou gerassem alguma imagem, deixou-as, por hora, de lado.

Queimou escritos referenciados como chamativos para poderes e espíritos (os ditos talismãs) — não funcionou (pelo menos não conseguiu ver ou sentir nada). Precisava descobrir se eram falsos ou verdadeiros. Mais pesquisa no caderninho.

Comprou essências, óleos e soluções referidas como potentes, na bruxaria. Até usou em si. Ficou um pouco fedida, mas nada mais...

Proferiu frases e rezas para invocar tudo e qualquer coisa "anormal" ou do foro espiritual — sem sucessos.

Depois de tudo e mais alguma coisa ao seu alcance, inúmeras tentativas fracassadas e nada comprovativo conseguir, só poderia chegar a uma conclusão — pelo menos por enquanto —: não era bruxa.

Ou... estaria a bruxa escondida num secreto e sombrio recôndito, à espera da hora e dia certos para se manifestar?

No aguardo...

"Hih Hih Hih!"





# APRESENTAMOS O POEMA

## SACI PERERÊ

POR SELMA LUANNY

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de trinta e duas antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

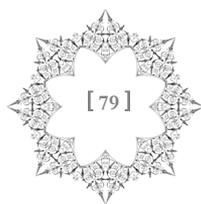
No Sul, surgiu...  
Índio rabudo  
dizem que era...  
No tupi-guarani,  
"çaa cy perereg".

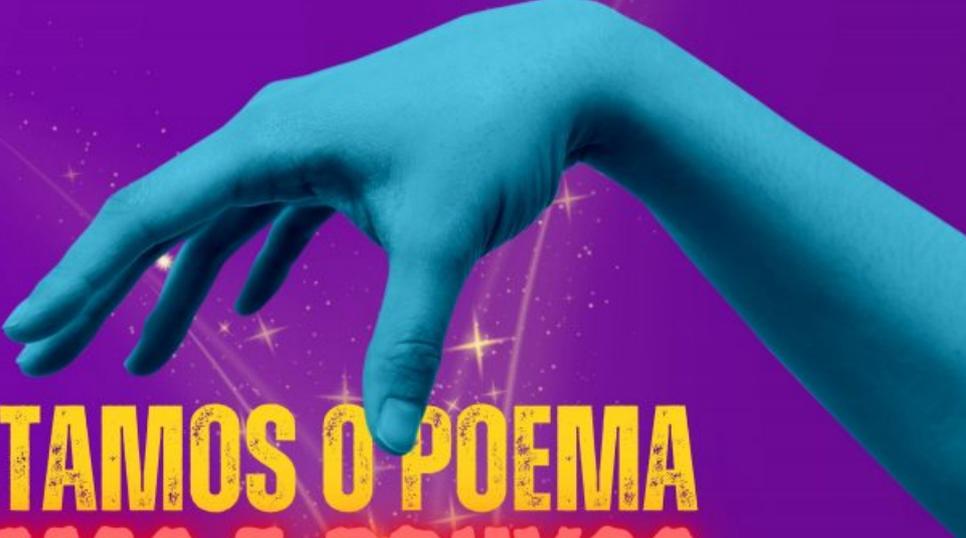
Pro Norte rumando  
de cor mudou  
perdeu o rabo  
e uma perna  
— capoeirando.

Trazia na boca  
um cachimbo.  
Com tanta fumaça  
devia tossir como  
um riso... debochando.

Com as crianças  
quando não engodava,  
assustava deveras...  
Com o gorro vermelho  
e mágico... só travessuras.

E assim ele ia...  
numa perna só...  
arteiro pulando  
sapeca danado  
só aprontando.





# APRESENTAMOS O POEMA FANTASMAS E BRUXOS

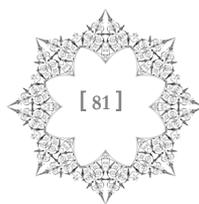
POR SELMA LUANNY

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de trinta e duas antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Tantos desacertos  
Tantas incertezas  
E em tendas e templos  
tanta superstição  
compensada.

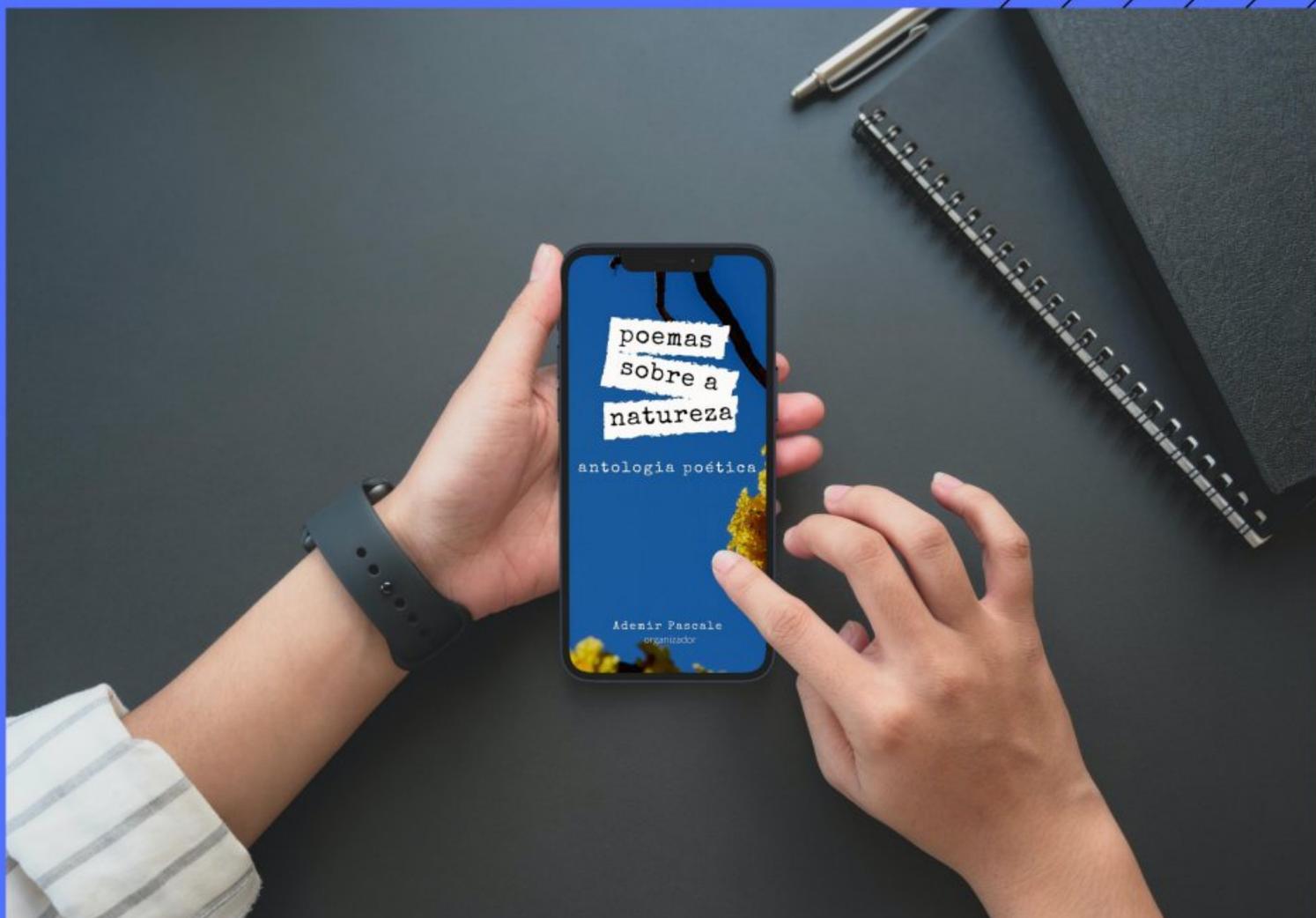
E nas designadas esquinas  
de madrugada  
os trabalhos andam soltos.  
Galinhas pretas sacrificadas  
— coitadas! —...  
pela cor traídas.

Talismãs e rezas  
de todos os feitios  
vendidos e bem pagos.  
Em fantasmas e bruxos  
humanidade que se segue  
transfigurada.



CONHEÇA OUTROS  
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

**VISITE:** [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

**CURTA:** [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)

**SIGA:** [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)

**INSCREVA-SE:** [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)

**E-MAIL:** [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**